



Plano de Actividades 2016



ÍNDICE

01. Retrospectiva 2015

01.01.01 Ingmar BERGMAN _ A Infância e a Dança da Morte	4
01.01.02 41 x 25 de Abril : Viagem pelo País de Tréfaut	5
01.01.03 Paulo ROCHA – Cinema Mundo (parte I)	6
01.01.04 Cinema é Obsessão II	7
01.01.05 Satyajit RAY – Trilogia de Apu : Máquina de Emoções	8
01.02. Sessões Semanais	9
01.03. 17.º Aniversário	15
01.04. Autor Autor : Alain Resnais / Leos Carax / Pasolini + Ferrara / Cinema é Memória	17
01.05. Extensões de Festivais de Cinema : INDIE LISBOA	19
01.06. Cinema Paraíso : Parque da Devesa / Riba d' Ave / Bairro / Nine	20
01.07. Sessões em Parceria : Cinema com Pequeno-Almoço (com Vaudeville Rendez-Vous)	21
01.08. Festa da Animação	22

02. Plano de actividades 2016

02.01.01 ROSSELLINI , o Humanista	24
02.01.02 Billy WILDER – O Disfarce	26
02.01.03 TATI integral no Verão	28
02.01.04 Jean ROUCH _ Eu, Um Negro + Os Mestres Loucos	30
02.01.05 Imagens do Holocausto	31
02.02. Programação Semanal de Cinema de Autor	32
02.03. Rede de Exibição Alternativa – R.E.A. / I.C.A.	33
02.04. Já Não Há Cinéfilos?!	34
02.05. Autor Autor : Krzysztof Kieslowski / Wang Bing / Edgar Reitz	35
02.06. Extensões de Festivais de Cinema	
02.06.01. CINANIMA – Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho	38
02.06.02 INDIELISBOA – Festival Internacional de Cinema Independente de Lisboa	39
02.06.03 DOCLISBOA – Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa	40
02.07. O Dia Mais Curto	41
02.08. Festa da Animação	42
02.09. Masterclasses, Debates : O CINEMA PORTUGUÊS em Destaque	43
02.10. Cinema para as Escolas	44
02.11. Cinema Paraíso _ sessões de cinema ao ar livre, uma itinerância por Famalicão	45
02.12. O Homem da Câmara de Filmar	46
02.13. Página na Internet	47
02.14. Edição do Boletim Mensal – Remodelação	47
03. Orçamento 2016	49

Cineclube de Joane / PLANO DE ACTIVIDADES 2016

01 – RETROSPECTIVA 2015



01. Retrospectiva 2015

01.01.01 Ingmar **BERGMAN**_ A Infância e a **Dança da Morte**

01.01.02 **41 x 25** de **Abril**: Viagem pelo **País de Tréfaut**

01.01.03 **Paulo ROCHA** – **Cinema Mundo** (parte I)

01.01.04 **Cinema é Obsessão II**

01.01.05 **Satyajit RAY** – Trilogia de **Apu**: **Máquina de Emoções**

01.02. **Sessões Semanais**

01.03. **17.º Aniversário**

01.04. **Autor Autor**: **Alain Resnais** / **Leos Carax** / **Pasolini + Ferrara** / **Cinema é Memória**

01.05. **Extensões de Festivais de Cinema**: **INDIE LISBOA**

01.06. **Cinema Paraíso**: **Parque da Devesa** / **Riba d' Ave** / **Bairro** / **Nine**

01.07. **Sessões em Parceria**: **Cinema com Pequeno-Almoço** (com **Vaudeville Rendez-Vous**)

01.08. **Festa da Animação**

Ingmar BERGMAN_ A Infância e a Dança da Morte (de Fevereiro a Julho de 2015)

No primeiro trimestre de 2008, integrado na rubrica *Já Não Há Cinéfilos?!*, o *Cineclube de Joane* exibiu três das obras primas de Bergman – ***O Silêncio***, ***Persona***, ***Lágrimas e Suspiros*** – num ciclo intitulado *As Mulheres de Bergman*. No primeiro semestre de 2015, voltamos ao gigante sueco, beneficiando da reposição de dezassete (!) obras no circuito comercial, das quais exibimos seis, em parte concentradas na fase inicial da obra (nos anos 50) e dois deles na primeira despedida de Bergman do Cinema, em que se observaram enoveladas duas temáticas incontornáveis no universo bergmaniano: a influência das vivências da infância na construção da sua obra e a permanente presença da morte.

Mónica e o Desejo (Suécia, 1953)

"Mónica e o Desejo" marcou, de forma impressionante, os cineastas da "nouvelle vague". Meio século depois da estreia, a sua modernidade continua a ser uma das referências desta obra-prima de Ingmar Bergman, que conta a paixão de dois adolescentes que fogem das respectivas famílias para procurar as ilusões da felicidade pelas ilhas do arquipélago. [Cinemateca Portuguesa]

Um Verão de Amor (Suécia, 1951)

"Sommarlek é o mais belo dos filmes", escreveu Jean-Luc Godard quando o filme se estreou. Talvez seja mesmo. Baseado num romance que escreveu quando era muito novo, Bergman visita o tempo dos morangos e do amor absoluto. Sabendo que tudo isso acabou e que nada volta mais. E os amores que regressam nunca são iguais aos amores que foram. Mas a única fidelidade à morte é a vida. [Cinemateca Portuguesa]

O Sétimo Selo (Suécia, 1956)

Um dos mais célebres e paradigmáticos filmes de Bergman. De volta das Cruzadas, um cavaleiro vê o seu país física e espiritualmente devastado. Depois encontra uma estranha e enigmática personagem, a Morte, com a qual, no decurso de uma longa partida de xadrez, aborda diversas questões, sobre a fé e a dúvida, que permanecem sem resposta. [Cinemateca Portuguesa]

Morangos Silvestres (Suécia, 1957) Um professor jubilado (a perfeita homenagem a Sjöström) evoca o seu passado durante a viagem para a cerimónia. O encontro dos dois nomes maiores do cinema sueco, o clássico Sjöström e o moderno Bergman (que tanto foi beber ao primeiro), numa das mais belas meditações sobre a vida e a velhice que o cinema nos deu. [Cinemateca Portuguesa]

Da Vida das Marionetas (Suécia, 1980) Um dos mais estranhos e sombrios filmes de Ingmar Bergman, sobre um homem que mata uma prostituta, e cujas complexas motivações vão ser exaustivamente analisadas pelo psiquiatra que o trata. Ambientado em Munique, é maioritariamente um filme a preto e branco, a "cor" dos seus flashbacks narrativos. [Cinemateca Portuguesa]

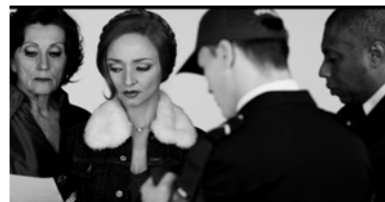
Fanny e Alexandre (Suécia, 1982) Um filme mágico, em que Bergman evoca a sua infância e o confronto entre o mundo epicurista, do prazer e alegria familiar (a genial sequência do Natal) e a rigidez do puritanismo do padrasto. O "testamento" de Bergman (no cinema) é um dos seus filmes mais deslumbrantes. [Cinemateca Portuguesa]



41 x 25 de Abril: Viagem pelo País de Tréfaut (22 a 24 de Abril)

VIAGEM A PORTUGAL de Sérgio Tréfaut

Maria (Maria de Medeiros) é uma médica ucraniana que vem a Portugal passar um ano com Greco (Makena Diop), o seu marido, também médico. Ao chegar ao aeroporto de Faro, é abordada por agentes do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras que, com critérios muito discutíveis, assumem que por ela vir da Europa de Leste e o seu marido ser senegalês, algo de ilegal pode estar por detrás daquela viagem. Sem explicações ou fundamento, Maria é levada para interrogatório por uma inspectora particularmente intransigente (Isabel Ruth), passando uma noite de pesadelo a justificar a sua vida pessoal. Inspirado numa situação verídica, um filme de Sérgio Tréfaut ("Lisboetas", "Cidade dos Mortos") sobre xenofobia e abuso de poder que, segundo o cineasta, "procura fomentar o debate a respeito do funcionamento da polícia e da sociedade civil."



ALENTEJO, ALENTEJO de Sérgio Tréfaut

Depois do reconhecimento internacional do fado, Portugal apresentou, em 2013, a candidatura do cante alentejano a Património Cultural e Imaterial da Humanidade da UNESCO. Através deste documentário, Sérgio Tréfaut leva o espectador numa viagem ao interior do Alentejo onde se descobrem as paisagens, tradições e modo de vida dos seus habitantes. Uma das mais interessantes tradições nascidas a Sul do Tejo está no cante alentejano, um coro polifónico entoado habitualmente por grupos de homens de todas as idades, embora existam também alguns grupos femininos. Criado nas tabernas ou nos campos de cultivo, atravessou as fronteiras da região que lhe deu origem. Com o passar do tempo, também devido à diáspora alentejana, apareceram novos grupos na periferia de Lisboa, acentuando o cante como a expressão de uma identidade própria e de uma vontade de regressar às origens. “



OUTRO PAÍS de Sérgio Tréfaut

Dezenas de cineastas, fotógrafos e jornalistas, vindos dos quatro cantos do planeta, viram-se envolvidos na revolução dos cravos, e possuem arquivos preciosos. Numa série de entrevistas a estes viajantes, confrontámos o entusiasmo antigo com o olhar contemporâneo. Em alguns casos, seguimos os mesmos autores para retratar o estado presente do país e reencontramos as personagens fotografadas e filmadas em 1974/75. A Revolução Portuguesa (1974-75) vista através dos olhares de alguns dos mais importantes fotógrafos e cineastas que testemunharam o evento. Quais eram os seus sonhos e expectativas? O que ficou do sonho da revolução? Um documentário que reúne arquivos históricos excepcionais.

Destaque no Jornal Publico

PÚBLICO, QUA 22 ABR 2015 | 35



Portugal visto por Sérgio Tréfaut

O pretexto é a passagem de mais um aniversário do 25 de Abril de 1974 – o Cineclube de Joane assinala a efeméride com um ciclo de filmes de Sérgio Tréfaut, em três dias consecutivos, a partir de hoje, na Casa das Artes de Famalicão (21h45). O filme de abertura é *Viagem a*

Portugal, ficção de uma história real sobre a xenofobia e o abuso de poder que se verifica em muitas instituições nacionais – neste caso, na delegação do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras do Aeroporto de Faro, com Maria de Medeiros e Isabel Ruth (na foto) a encher o grande ecrã. Amanhã

e depois, passam dois documentários: *Alentejo, Alentejo* é uma viagem à terra do cante, a pretexto da classificação desta tradição musical secular como Património da Humanidade; *Outro País* é o regresso às imagens e reportagens do 25 de Abril, quatro décadas depois.

A encerrar o ciclo realizamos um debate em torno dos temas suscitados pelo ciclo de três filmes, com a presença de Artur Sá da Costa, designadamente o período que se seguiu ao 25 de Abril e o Portugal de hoje, após cerca de 40 anos de democracia.



Paulo ROCHA – Cinema Mundo (parte I)

Com a estreia de ***Se eu fosse ladrão... roubava***, obra póstuma e (possível) sùmula da sua arte sempre mesclada com a vida, exibiremos ***Verdes Anos*** (1963) e ***Mudar de Vida*** (1966), obras que tornaram Paulo Rocha uma das figuras incontornáveis do *Cinema Novo* e uma das principais ascendências nas obras de alguns dos cineastas mais notáveis do cinema português contemporâneo: Pedro Costa, Teresa Villaverde e Joaquim Sapinho. Já havíamos passado pela obra de Rocha com a exibição da obra-prima ***O Rio do Ouro*** (1998), por ***A Raiz do Coração*** (2000) que confirmara a sua abertura a outros mundos, numa constante renovação e paixão por outras culturas de que o “asiático” ***A Ilha dos Amores*** (1982) faz figura de proa e que, por isso, incluiremos na segunda parte do ciclo que dedicaremos em breve ao cineasta, que também incluirá a imersão no universo de Amadeo de Sousa-Cardoso, com a exibição de ***Máscara de Aço contra Abismo Azul*** (1989).

Se Eu Fosse Ladrão...Roubava (2011)

Um pequeno lavrador de S. Vicente vê o seu pai morrer com a peste que dizima o País. Alguns anos mais tarde, de todos os irmãos, Vitalino é o mais aguerrido e toma o lugar de homem da casa. Mas a aldeia onde vive é muito pequena para as suas aspirações e decide rumar ao Brasil deixando as suas irmãs encarregadas dos trabalhos da casa. Partindo da memória familiar e da matéria dos seus filmes, Paulo Rocha revisita as suas origens e as referências maiores da sua vida e obra, numa construção complexa, que é conscientemente testamental embora só diretamente auto-biográfica. O motor inicial do filme é a evocação da infância e juventude do pai do autor, em particular o sonho obsessivo deste, na altura partilhado por muitos, de emigrar para o Brasil, para onde partiu efetivamente em 1909. Mas este tema familiar cruza-se desde o início com o grande mundo da obra de Rocha, num puzzle de *raccords* temáticos que se dirige para dentro e para trás (a busca do centro ou da origem...) tanto quanto para fora (a constante ampliação de sentido, a identidade de um país). Paulo Rocha fala portanto da sua própria necessidade de partir, e da interrogação de Portugal através da distância, assim como fala da morte, mas também da doença e de um medo tornados endémicos, corrosivos de um país.

Verdes Anos (1963)

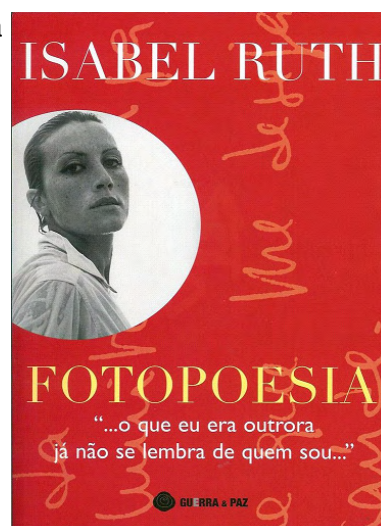
Verdes Anos é uma obra de mocidade, um filme confessional, contado com pudor, como que a pedir desculpa, o choque entre a aldeia pura e a cidade corrupta, ou, se quisermos, o choque entre o fim da adolescência e a entrada no tempo adulto. Mas Paulo Rocha soube evitar a retórica e servir-se de uma história muito simples (...), retirando-lhe o melodrama e a retórica através da singeleza, da naturalidade, da sinceridade, do estado de graça dos jovens actores, mas insinuando-lhe o sangue e a morte por debaixo da ilusão de um real agradável, descontraído, quotidiano.

Luís de Pina, in *História do Cinema Português*, ed. Europa-América, col. Saber, 1986

Mudar de Vida (1966)

Mudar de Vida, opus 2 de Rocha, introduziu na obra deste novas direcções, entre o legado nostálgico de *Os Verdes Anos* e os rumos da sua obra futura. Pano de fundo é a emigração, fenómeno que nos anos 60 afectara profundamente o tecido social e cultural português. E é o primeiro filme de Rocha em que se afirma a influência do cinema japonês, nos belos planos de juncos, névoa e rio, ao mesmo tempo que se acentua a forma de requiem que o enredo obriga por vezes as imagens - que do estudo psicológico. Adelino, nitidamente vencido pela guerra onde combateu, algures no ultramar, é uma figura de homem perplexo, como era o jovem sapateiro de *Verdes Anos*, um homem talvez ainda imaturo, incapaz de abarcar o entendimento da vida e o entendimento das pessoas."

Luís de Pina, in *História do Cinema Português*, Ed. Europa-América, Col. Saber, 1986



A sessão de apresentação de ***Se Eu Fosse Ladrão... Roubava***, teve a presença de Isabel Ruth, o rosto do Cinema de Paulo Rocha.

Cinema é Obsessão II

Indique-me um grande filme em que não haja alguém que tenha uma obsessão. A de fazer qualquer coisa, a de conquistar o amor duma rapariga, de encontrar uma mina de ouro, de subir ao cimo de uma montanha... Toda a gente tem a sua pequena ideia fixa. Os loucos também, mas de uma forma diferente. Para eles a ideia fixa torna-se natural. E é isso que os torna loucos. Acorda-se de manhã e em vez de não se pensar nela, pensa-se. [*Samuel Fuller*]

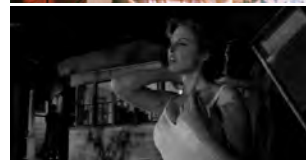
Seguro (1995) de **Todd Haynes** (Jan.2015)

A história de Carol White, uma dona de casa de Los Angeles, cujo meio ambiente de luxo se virará contra ela, na forma de uma inexplicável doença. O que começa por ser uma súbita alérgica aos produtos, fragâncias e vapores do dia-a-dia torna-se cada vez mais violento, transformando a segurança controlada de Carol num terror quotidiano. Quando lhe é diagnosticada uma desordem no sistema imunitário, a que chamam a “doença do século XX”, e parte para o Novo México, em busca de tratamento, a viagem de Carol torna-se interior. Na crise de identidade que daí resulta, “Safe-Seguro” revela as formas através das quais a doença infesta a noção básica de quem somos.



Tentação (1958) de **Anthony Mann** (Fev.2015)

Ty Ty é um pobre agricultor obcecado com a ideia de encontrar o ouro que o avô supostamente enterrou nalgum terreno da quinta da família. Há quinze anos que a família anda a escavar nas imediações da casa. A obsessão pela busca do tesouro impede o cultivo da terra e a obtenção de colheitas. A miséria que os consome e as disputas familiares não ajudam a melhorar as relações. Ty Ty acredita que o ouro vá resolver tudo e, a conselho de um amigo, rapta um jovem albino. O agricultor está convicto de que os albinos vêm através do solo e tentará manter a família unida, apesar dos conflitos, que são cada vez maiores



Ofício de Matar (1967) de **Jean-Pierre Melville** (Mar.2015)

Jeff Costello (Alain Delon) é um assassino da velha escola regida pelo código de honra e do silêncio. Recebe uma missão que uma vez cumprida lhe trará mais problemas do que o habitual. A polícia vai atrás dele, existem testemunhas do seu trabalho e aqueles que o contrataram querem desfazer-se dele. Um dos melhores filmes do cinema negro francês com um final desconcertante...



Phantom (1922) de **F. W. Murnau** (Mai.2015)

Phantom foi o filme realizado por Murnau após o triunfo de *Nosferatu*, circunstância que não favoreceu muito a carreira comercial do filme junto de um público que, perante o título, esperava uma incursão na temática fantástica ou de terror. Com argumento de Thea von Harbou (“Metropolis”, “A Mulher na Lua”) e baseado num romance do Prémio Nobel da Literatura de 1912 Gerard Hauptmann, o título PHANTOM refere-se tanto aos fantasmas pessoais do protagonista Lorenz, um humilde funcionário que sonha ser reconhecido como poeta, como a Veronika, uma jovem de classe alta que o atropela com o seu coche e por quem ele se apaixona obsessivamente, quase sem trocar uma palavra com ela.



A Marquesa d'O (1976) de **Eric Rohmer** (Jul.2015)

A Marquesa d'O (Edith Clever) é uma viúva cujo pai (Peter Lühr) comanda uma praça de guerra na Lombardia. Após a praça ser tomada pelos russos, os soldados se preparam para violentar a marquesa. Até que um tenente-coronel russo, o Conde F. (Bruno Ganz), a salva e a leva para uma ala do castelo que ainda não havia sido incendiada. É lá que o conde revela suas verdadeiras intenções com a marquesa.



Vontade Indómita (1949) de **King Vidor**

Howard Roark (Gary Cooper), um arquitecto individualista e idealista, é expulso da escola porque os seus desenhos não se enquadram no pensamento arquitectural da época. Depois de algum tempo sem conseguir emprego, Howard começa a trabalhar com Henry Cameron (Henry Hull). Cameron partilha os mesmos ideais de Roark mas sofre de alcoolismo, dependência que acaba por o matar. Antes de morrer, diz a Roark que ele tem de se manter fiel aos seus ideais se não quiser acabar da mesma forma. Baseado no romance homónimo de Ayn Rand - que foi recusado por 12 editores antes da sua publicação, em 1943 - “The Fountainhead” é também uma história de amor entre Roark e Dominique (Patricia Neal), uma bela mulher por quem ele se apaixona, e que promete torná-lo submisso aos seus desejos.



Satyajit RAY – Trilogia de Apu: Máquina de Emoções

O Lamento da Vereda (1955) (Out.2015)

Ao fazer a sua estreia no cinema, Ray realizou de imediato uma obra prima, que já nasceu clássica. A história de Apu, do seu nascimento à idade adulta, contada por Satyajit Ray em três filmes, é um dos grandes momentos da história do cinema. Em "Pather Panchali" vemos o jovem Apu e a sua família numa pobre aldeia de Bengala, no começo do século, até ao momento em que a família emigra para Benares. Música de Ravi Shankar.

[Cinemateca Portuguesa]



O Invencível (1956) (Dez. 2015)

Após a morte do pai e de viver algum tempo em Benares, o jovem Apu, de dez anos, muda-se com a mãe para casa de um tio. Apu frequenta a escola local onde é um bom aluno, ao ponto de receber uma bolsa de estudo para ir estudar para Calcutá. Apu decide partir. A mãe fica angustiada com a sua partida e com a sua crescente independência. Ela ama muito o filho e pretende o seu sucesso, mas não quer ficar sozinha. Segunda parte da Trilogia de Apu.



O Mundo de Apu (1959) (Jan.2016)

Apu é um ex-estudante desempregado que sonha com um vago futuro como escritor. Um antigo colega visita-o e convence-o a ir com ele a um casamento na província. A sua vida vai mudar, pois o noivo da cerimónia enlouquece e o amigo de Apu pede-lhe para o substituir como noivo. Após uma recusa inicial, Apu concorda, casa-se e regressa a Calcutá com a sua bela mulher. Mas Aparna morre de parto e Apu, louco de dor, abandona Calcutá deixando o filho Kajal aos cuidados dos avós. Só após um longo período de total indiferença, Apu se encontra preparado para voltar ao mundo.



Satyajit RAY – Charulata + A Grande Cidade + O Cobarde

Charulata (1964) (Out.2015)

Charu (Madhabi Mukherjee) é casada com Bhupati (Sailen Mukherjee), um indiano abastado. Apesar de se considerar uma mulher privilegiada, ela deambula pela casa, sentindo-se profundamente só. Por causa disso, Bhupati pede a Amal (Soumitra Chatterjee), um primo afastado, para fazer companhia à sua esposa e lhe ensinar tudo o que sabe sobre literatura. Com o passar tempo, Charu e Amal vão ficando mais íntimos até perceberem que estão apaixonados. Mas, apesar do desejo intenso que cada um nutre pelo outro, ele é incapaz de trair a confiança do primo. Filmado em 1964 pelo aclamado realizador Satyajit Ray (1921-1992), uma história situada em Calcutá (Índia), nos finais do séc. XIX, que adapta a obra "Nastanirh" escrita por Rabindranath Tagore, em 1901. "Charulata" arrecadou o Urso de Prata para Melhor Realizador e o Prémio OCIC na edição de 1965 do Festival de Cinema de Berlim.



A Grande Cidade (1963) (Nov.2015)

Subrata e Arati são casados e têm um filho pequeno. A seu cargo estão também os pais dele e a irmã mais nova. Com seis bocas para alimentar e um só ordenado, depressa o casal se vê em graves dificuldades económicas. Quando Subrata perde o emprego, Arati encontra uma única solução: desafiar os costumes da época, que não permitem à mulher a independência económica, e arranjar um trabalho que lhe permita sustentar a família. Porém, apesar da sua alegria em poder ajudar e da satisfação pessoal de receber um salário, não vai ser fácil para os outros aceitar que seja ela a sustentá-los... Realizado por Satyajit Ray em 1963, um drama familiar sobre as mudanças de costumes e o papel da mulher na Índia em meados do séc. XX. "A Grande Cidade" recebeu o Urso de Prata na edição de 1964 do Festival de Cinema de Berlim.



O Cobarde (1965) (Dez.2015)

Quando, no meio do nada, o carro de Amitabha Roy (Soumitra Chatterjee) tem uma avaria, não lhe resta alternativa a não ser aceitar boleia de um desconhecido. Quando chega a casa do homem dá-se conta que ele é casado com Karuna (Madhabi Mukherjee), a mulher que em tempos amou e que, por cobardia, abandonou. Arrependido pela sua escolha e compreendendo que ainda está apaixonado por ela, Amitabha aproveita um momento a sós e propõe-lhe que deixe o marido e fuja com ele. Contudo, apesar de ter refeito a sua vida com outro homem, ela nunca superou o facto de ter sido desprezada por Amitabha... Com realização e argumento do indiano Satyajit Ray, adapta uma história do celebrado poeta Premendra Mitra (1904-1988). Em 1965, o filme fez parte da selecção oficial do Festival de Cinema de Veneza.



JANEIRO

8 REA



AMAR, BEBER E CANTAR
Alain Resnais

JARMUSCH
ao ritmo da margem
14 15



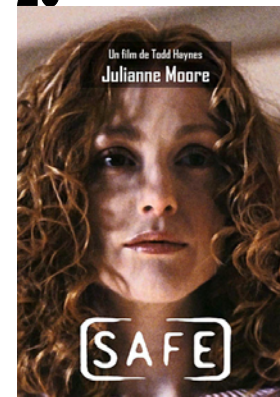
SEMPRE EM FÉRIAS
PARA ALÉM DO PARAÍSO

22 REA



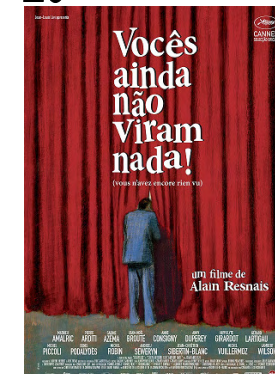
DEBAIXO DA PELE
Jonathan Glazer

cinema é obsessão II
28



SEGURO
Todd Haynes

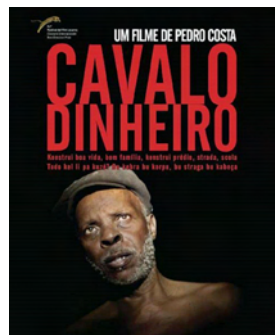
29 REA



VOCÊS AINDA NÃO VIRAM NADA
Alain Resnais

FEVEREIRO

5 REA



CAVALO DINHEIRO
Pedro Costa

12



SÓ OS AMANTES SOBREVIVEM
Jim Jarmusch

cinema é obsessão II
18



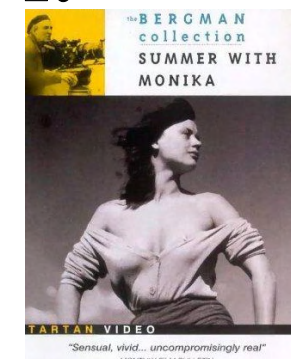
TENTAÇÃO
Anthony Mann

19 REA



20000 DIAS NA TERRA
Ian Forsyth/Jane Pollard

Bergman_A Infância
e a Dança da Morte
26



MÓNICA E O DESEJO
Ingmar Bergman

Março

5



A EMIGRANTE
James Gray

11



PAIXÕES CRUZADAS
Leos Carax

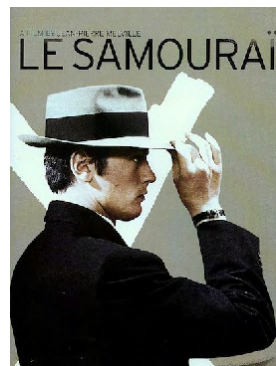
REA

12



MÁ RAÇA
Leos Carax

cinema é obsessão II
18



OFÍCIO DE MATAR
Jean-Pierre Melville

19

REA



IDA
Pawel Pawlikowski

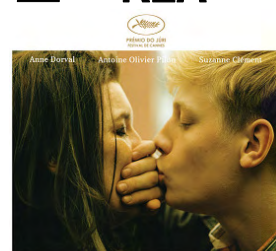
Bergman_A Infância
e a Dança da Morte
26 REA



UM VERÃO DE AMOR
Ingmar Bergman

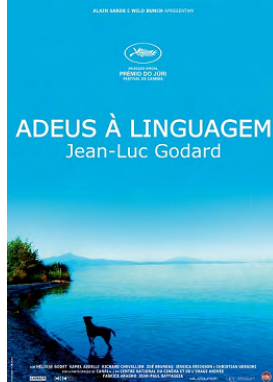
Abril

2 REA



MAMÃ
Xavier Dolan

9 REA



ADEUS À LINGUAGEM
Jean-Luc Godard

16 REA



ELENA
Andrei Zvyagintsev

Viagem pelo País de Tréfaut

22



VIAGEM A PORTUGAL
Sérgio Tréfaut

23



ALENTEJO, ALENTEJO
Sérgio Tréfaut

24



OUTRO PAÍS
Sérgio Tréfaut

Bergman_A Infância
e a Dança da Morte
30 REA



O SÉTIMO SELO
Ingmar Bergman

Maio

7 INDIE LISBOA
Comp.Nacional



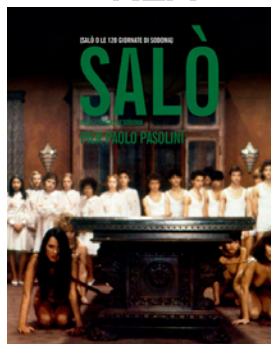
OS OLHOS DE ANDRÉ
António Borges Correia

14 REA



AS ASAS DO VENTO
Hayao Miyazaki

20 REA



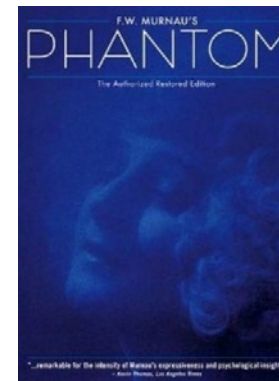
SALÒ
Pier Paolo Pasolini

21 REA



PASOLINI
Abel Ferrara

cinema é obsessão II
27



PHANTOM
F. W. Murnau

Bergman_A Infância
e a Dança da Morte

28 REA



MORANGOS SILVESTRES
Ingmar Bergman

Paulo Rocha-Cinema Mundo I

4 REA



O PEQUENO QUINQUIN
Bruno Dumont

9



OS VERDES ANOS
Paulo Rocha

10



MUDAR DE VIDA
Paulo Rocha

11



SE EU FOSSE LADRÃO...
Paulo Rocha

18 REA



O PAÍS DAS MARAVILHAS
Alice Rohrwacher

Bergman_A Infância
e a Dança da Morte

25 REA



DA VIDA DAS MARIONETAS
Ingmar Bergman

Junho

Julho

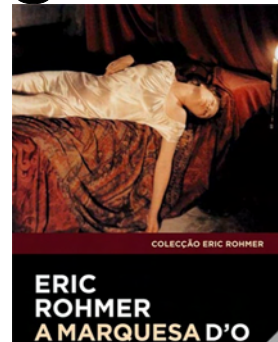
**Bergman_A Infância
e a Dança da Morte**

2 REA



Fanny e Alexander
Ingmar Bergman

cinema é obsessão II 8 9 REA



A MARQUESA D' O
Eric Rohmer



AMOR LOUCO
Jessica Hausner

Setembro

3 REA



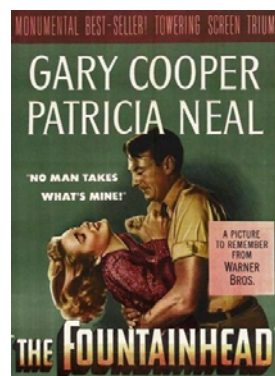
TIMBUKTU
Abderrahmane Sissako

10 REA



PHOENIX
Christian Petzold

16 Cinema é Obsessão



VONTADE INDÓMITA
King Vidor

17 REA



O GUIA DE IDEOLOGIA DO DEPRAVADO
Sophie Fiennes

17.º aniversário
24



GANGSTERS FALHADOS
Mario Monicelli

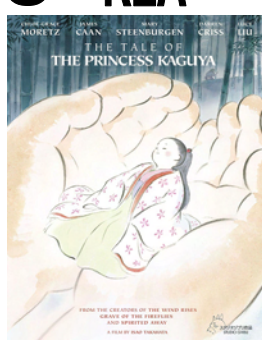
Outubro

1 REA



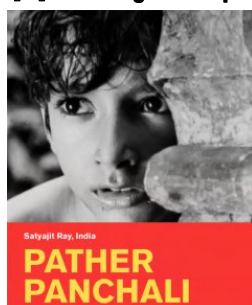
TAXI
Jafar Panahi

8 REA



O CONTO DA PRINCESA KAGUYA
Isao Takahata

14 JNHC?!
Trilogia de Apu



O LAMENTO DA VEREDA
Satyajit Ray

15 REA



FORÇA MAIOR
Ruben Östlund

22



VÍCIO INTRÍNSECO
Paul Thomas Anderson

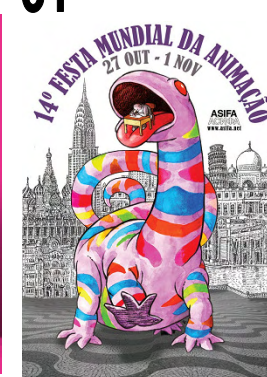
3 x Satyajit Ray

29 REA



CHARULATA
Satyajit Ray

31



FESTA DA ANIMAÇÃO

Novembro

5



BOYHOOD
Richard Linklater

12 REA



GUEROS
Alonso Ruiz Palacios

As Mil e Uma Noites de Miguel Gomes

17



volume 1
O INQUIETO

REA 19



volume 2
O DESOLADO

20



volume 3
O ENCANTADO

3 x Satyajit Ray
26 REA



A GRANDE CIDADE
Satyajit Ray

Dezembro

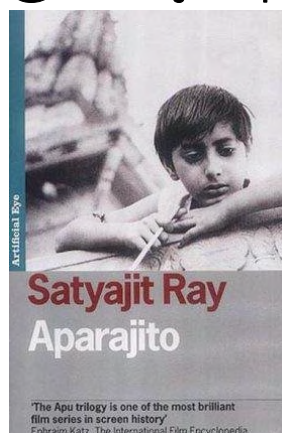
3



A VISITA
M. Night Shyamalan

9

JNHC?!
Trilogia de Apu



O INVENCÍVEL
Satyajit Ray

3 x Satyajit Ray

10 REA



O COBARDE
Satyajit Ray

15 REA



A IMAGEM QUE FALTA
Rithy Panh

17 REA



O OLHAR DO SILÊNCIO
Joshua Oppenheimer

GANGSTERS FALHADOS de Mario Monicelli

(sessão comemorativa do 17.º aniversário do *Cineclube de Joane*, com a presença de **Vasco Câmara**, editor do *Ipsilon* / *Jornal Público*)

Obra prima da comédia italiana. **Gangsters Falhados** é o filme responsável pela revelação do talento de Mario Monicelli. Uma obra que reúne a comédia, o policial, a sátira e a reflexão social e que conseguiu manter, ao longo do tempo, a sua força original e o carinho junto do público, em parte, graças a um elenco de 'all stars'. (Vittorio Gassman, Totó, Marcello Mastroianni, Claudia Cardinale). Com elementos característicos do "film noir" proporciona o humor, dando, ao mesmo tempo ênfase à humanidade dos personagens, interpretadas por um elenco de luxo do cinema italiano.



Miracolo, miracolo!, é Mario Monicelli

[Vasco Câmara, *Público* de 11 de Junho de 2015]

Efervescente, triste, eufórica, terminal - eis a "comédia à italiana" versão Mario Monicelli. Nove filmes, muitos deles gloriosos, na Cinemateca.

(...) Entre os dias 12 e 24 de Junho, entre **Gangsters Falhados** e **Um Herói do Nosso Tempo/ Un eroe dei nostri tempi** (1955) – os filmes que abrem e fecham o ciclo –, vamos encontrar gente a caminhar da merda à glória sem sair da merda, como os miseráveis cavaleiros medievais comandados pela impostura de Vittorio Gassman em **O Capitão Brancaleone/ L'Armata Brancaleone**, de 1966 (dia 22, 21h30). Vamos encontrar gente colocada na periferia, a vida escravizada perante um frigorífico e outros acenos do boom económico italiano.

Humor e morte

E Monicelli conta, em *L'Arte della commedia*, como o humor podia ser, afinal, a temperatura de um medo, o medo da passagem do tempo, ou um filtro para conseguir enfrentá-lo. Para tactear a morte, em suma. Gostava de ir aos funerais para, com os amigos, dizer coisas divertidas sobre o defunto – está na cena final de **Amici Miei** (1975). Esse encontro do humor com a

morte, Monicelli lutou para o impor a **Gangsters Falhados**, retrato de desajeitados ladrões que preparam um golpe maior do que as suas capacidades: a meio do filme, umas das personagens é atropelada por um eléctrico, momento brutal que oficializou a morte na comédia à italiana. Monicelli lutou também para impor Gassman, actor de teatro com créditos firmados que ninguém imaginava em comédia. Orgulhava-se de ser responsável pela panache *kamikaze* deste actor, tal como se orgulhava de outra "anomalia", ter resgatado Monica Vitti à incomunicabilidade de Antonioni para a comédia **La Ragazza con la pistola** (1968) e, dois anos depois, para o seu episódio, **Il frigorifero, de Le coppie**.

Há um momento em **Gangsters Falhados** em que os ladrões se inspiram no cinema americano para o golpe. É como um autorretrato de Monicelli e dos seus argumentistas, Suso Cecchi D'Amico, Age & Scarpelli, que começaram por pensar numa paródia a **Rififi** (Jules Dassin, 1955) que se chamaria *Rufufú*. Perante a hipótese de algo maior do que eles, a do "filme de Hollywood",

desatam num prodígio de pantomima, malabarismos e acrobacias, um jogo de identificações e de distanciasções várias, como se a barraca da *commedia del'arte* tivesse sido montada para o film noir. (...)





AUTOR AUTOR : Alain Resnais - os dois último filmes (Janeiro)

VOCÊS AINDA NÃO VIRAM NADA Antoine d'Anthac (Denis Podalydès) é um famoso dramaturgo que, após a sua morte, deixa um inesperado convite aos amigos que, em algum momento da sua carreira, participaram nas suas várias encenações da peça "Eurídice". Em testamento deixa também uma declaração em que lhes pede que orientem os actores de uma jovem companhia que espera voltar a encenar a mesma peça e que precisa de aconselhamento. Assim, à medida que eles se envolvem com os jovens actores e as suas personagens, as memórias são reavivadas e os sentimentos regressam como se o tempo jamais tivesse passado.

Penúltima obra de Alain Resnais, um filme nostálgico sobre as armadilhas da memória. Conta com alguns dos mais importantes actores que, aqui, se interpretam a si mesmos. São eles Mathieu Amalric, Lambert Wilson, Michel Piccoli, Sabine Azéma, Anne Consigny, Hippolyte Girardot e Pierre Arditi.



AMAR, BEBER E CANTAR No condado de Yorkshire, Inglaterra, três casais são abalados pela triste notícia de que George Riley, um amigo em comum, sofre de uma doença terminal e que lhe restam seis meses de vida. De forma a aliviar a dor de George e proporcionar-lhe alguma alegria nos últimos meses, os seis decidem convidá-lo para se juntar ao seu grupo de teatro amador. O que ninguém esperava era que aquela aproximação fizesse vir ao de cima muitas histórias do passado que iriam alterar a dinâmica entre cada casal. E as coisas complicam-se quando George – que, no filme, nunca chega a ser visto ou ouvido – resolve fazer uma viagem a Tenerife, Espanha. Cada uma das mulheres, determinada a marcar a diferença na vida dele, quer acompanhá-lo, deixando os seus respectivos maridos em total perplexidade...

Adaptando "Life of Riley", uma peça de Alan Ayckbourn, esta é a derradeira obra de Alain Resnais, o celebrado realizador de "Hiroshima Meu Amor" (1959), "É Sempre a Mesma Cantiga" (1997), "Corações" (2006) e "As Ervas Daninhas" (2009), entre outros. Os actores são uma mistura de presenças regulares e estreantes na companhia do cineasta: Sabine Azéma, Hippolyte Girardot, Caroline Silhol, Michel Vuillermoz, Sandrine Kiberlain e André Dussollier.

**AUTOR AUTOR : Leos Carax - os dois primeiros filmes** (Março)

PAIXÕES CRUZADAS Filmado a preto e branco em 1984, um olhar poético sobre a cidade de Paris que marca a estreia na longa-metragem do cineasta de culto Leos Carax. O filme descreve a ligação entre Alex (Denis Lavant), um aspirante a realizador que acabou de ser abandonado pela namorada, e Mireille (Mireille Perrier), uma jovem com tendências suicidas, igualmente em crise pessoal. **No Festival de Cannes, "Boy Meets Girl – Paixões Cruzadas" ganhou o Prémio da Juventude e foi nomeado para o César de Melhor Primeiro Filme.**



MÁ RAÇA Numa Paris futurista, uma doença misteriosa chamada STBO está a matar todos os que fazem sexo sem amor. O medicamento que a cura já foi descoberto mas está guardado em laboratório, longe dos que mais necessitam dele. É então que uma mulher americana decide forçar dois homens, Marc e Hans, a assaltar o laboratório e roubar o medicamento. Para os ajudar, eles contratam Alex, um rapaz rebelde sem nada a perder. Mas, quando Alex conhece Anna, a namorada de Marc, as coisas ganham novos contornos... **Realizado em 1986, esta é a segunda longa-metragem do cineasta de culto Leos Carax. Em competição no Festival de Berlim em 1987, onde recebeu o Prémio Alfred Bauer, foi o vencedor do Prémio Louis Deluc e recebeu três nomeações para os Prémios César (Melhor Actriz, Melhor Actriz Revelação e Melhor Fotografia).** No elenco estão os actores Denis Lavant, Michel Piccoli, Juliette Binoche, Julie Delpy e Hans Meyer.



AUTOR AUTOR : Pasolini + Ferrara (Maio)

SALÒ OU OS 120 DIAS DE SODOMA Última obra de Pasolini, estreada algumas semanas depois do seu homicídio, Salò adapta o romance Os 120 Dias de Sodoma do Marquês de Sade (que este escreveu quando estava preso na fortaleza da Bastilha), transpondo-o para a pequena cidade de Salò, que foi o último reduto dos fascistas italianos, entre 1943 e 1945, depois das forças aliadas terem libertado grande parte do país. Quatro aristocratas instalados num castelo fazem raptar diversos jovens dos dois sexos, que submetem a várias sevícias, antes de os assassinarem. Terrível alegoria sobre o poder absoluto, o filme também prolonga as violentas, amargas e lúcidas reflexões de Pasolini sobre o mundo contemporâneo, fixadas nos artigos de jornal que publicou regularmente nos seus últimos anos (coligidos com o título de Escritos Corsários, em português mais prosaicamente Escritos Póstumos), em que ele vociferava contra o “novo fascismo” do consumismo e da “colonização dos corpos”. Uma obra terrível e indispensável.

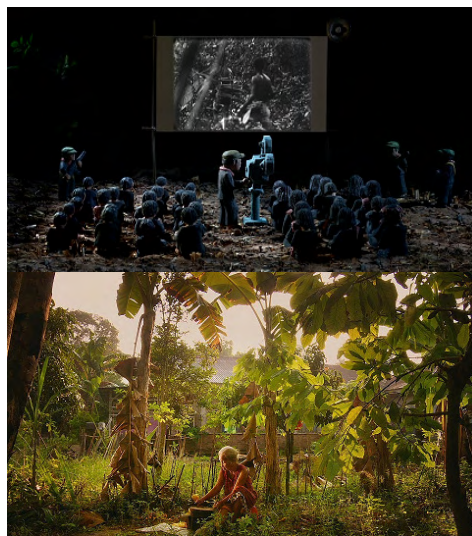
PASOLINI Roma, Novembro de 1975. Pier Paolo Pasolini, cineasta, poeta e escritor conhecido internacionalmente, é um símbolo de luta contra o que está socialmente estabelecido. Os seus escritos originam escândalo e os filmes são perseguidos ou mal entendidos. Pasolini é, simultaneamente, objecto de admiração, estranheza e repúdio. No último dia da sua vida, o cineasta encontra a mãe e, mais tarde, os amigos mais próximos. À noite, decide sair. Na madrugada seguinte, é encontrado brutalmente assassinado numa praia em Ostia, nos arredores da cidade, alegadamente por Giuseppe Pelosi, um jovem prostituto de 17 anos.

Com assinatura do aclamado realizador Abel Ferrara ("Polícia Sem Lei", "Os Viciosos", "Chelsea Hotel"), um filme que, nas palavras do actor Willem Dafoe (que o protagoniza), pretende "estar dentro da cabeça de Pasolini".

**AUTOR AUTOR : Cinema é Memória** (Dezembro)

A IMAGEM QUE FALTA Nascido em 1964 no Camboja, o realizador Rithy Panh viveu de perto as atrocidades cometidas pelo regime Khmer Vermelho, liderado pelo ditador Pol Pot durante os anos de terror em que esteve no poder, entre 1975 e 1979. Nesses quatro anos terríveis, em que 1,7 milhões de cambojanos pereceram de exaustão, tortura e malnutrição, Panh viu morrer toda a sua família. Assim, com base na sua própria autobiografia, intitulada "The Elimination: A survivor of the Khmer Rouge confronts his past and the commandant of the killing fields", o realizador junta imagens de arquivo, fotografias e clipes de propaganda do Partido Comunista e recria a sua história pessoal, que é também um trecho importantíssimo da História do seu país. Para representar os familiares e outros prisioneiros dos campos de trabalho forçado, são usadas centenas de bonecos de barro cuidadosamente esculpidos e pintados por Sarith Mang, que seguem a acção narrada em francês pelo actor cambojano Randal Douc. **Um filme sobre resiliência e memória que foi nomeado para o Óscar de Melhor Filme Estrangeiro e venceu o Prémio do Júri na secção "Un Certain Regard" do Festival de Cannes.**

O OLHAR DO SILÊNCIO Em 2012, Joshua Oppenheimer chegou à Indonésia determinado a fazer um filme sobre os sobreviventes e familiares das vítimas dos esquadrões da morte que, durante anos, exterminaram indiscriminadamente todos os que fossem considerados comunistas, activistas de esquerda, chineses ou simplesmente opositores ao regime de Suharto (1921-2008). Os números apontam para cerca de um milhão e meio de mortos e desaparecidos durante esse período. Quando lhe foi impossibilitado o livre contacto com essas pessoas, o realizador percebeu que, por outro lado, tinha acesso privilegiado a vários membros pertencentes aos antigos esquadrões. Para sua surpresa, estes homens, orgulhosos do seu papel na História do seu país, mostraram-se interessados em colaborar com as filmagens e exhibir os seus crimes perante as câmaras. Assim, Oppenheimer e os seus co-realizadores – a britânica Christine Cynn e um indonésio que quis manter o anonimato – filmaram os protagonistas, dando rosto e voz às suas histórias e aos terríveis eventos de que fizeram parte. O resultado foi **Acto de Matar** que, depois de um enorme sucesso com o público e com a crítica, obteve uma nomeação para o Óscar de Melhor Documentário e foi galardoado com o Bafta na mesma categoria. Rodado também em 2012, logo após a montagem de **Acto de Matar** (mas antes do seu lançamento), **O Olhar do Silêncio** é uma visão alternativa dos eventos, desta vez sob o ponto de vista das vítimas. Com esta obra, Joshua Oppenheimer ganhou o Grande Prémio do Júri e Prémio FIPRESCI no Festival de Cinema de Veneza.



Extensão do Indie Lisboa : Secção Competição Nacional

OS OLHOS DE ANDRÉ de António Borges Correia

Vencedor do Prémio da Competição Nacional, Prémio TAP e Prémio Árvore da Vida

No seguimento do olhar desenvolvido por António Borges Correia – os moldes do documentário (“O Lar”, exibido no Indielisboa 2008) para recriar histórias de ficção (“O Gesto”, 2011) -, a paisagem de Arcos de Valdevez, em Portugal, serve de cenário para recriar, com as mesmas pessoas, uma história verdadeira. Aí, um pai tenta reconstruir a sua vida, depois de uma separação, para acolher o seu filho André e voltar a unir uma família. Pelo olhar de António Borges Correia e a perspectiva da sua câmara, os seus actores (as pessoas que viveram, nos mesmos papéis, a mesma história), seguem as sugestões que uma nova ficção cria a partir daquilo que já se viveu, dando-nos a conhecer, pelo cinema, uma vida real de um país verdadeiro. Mas são os olhos luminosos do jovem André a reunir o seu grande foco: aquilo que perdeu na sua família, o seu desejo de ver reconhecido o seu talento para o futebol profissional, e aquilo que ele resguarda, das suas várias figuras familiares, nesse seu jovem olhar.

Uma família real

Kathleen Gomes, Público de 23 de Abril de 2015

No início de **Os Olhos de André** há um aviso: “Esta é uma história verdadeira, representada pelas pessoas que a viveram.” Depois de fazer uma comédia em Arcos de Valdevez interpretada por gente local, não-actores, há cinco anos, António Borges Correia soube da história de um pai que vivia com quatro filhos, o mais novo dos quais tinha sido colocado numa família de acolhimento. O tribunal exigia um teste de paternidade para devolver a criança ao pai, mas este recusou, não por recear que o resultado fosse negativo mas porque isso não era decisivo para querer o filho de volta ou não. António Borges Correia, 49, telefonou ao homem perguntando se podia fazer um filme com a história dele. Disse que sim.

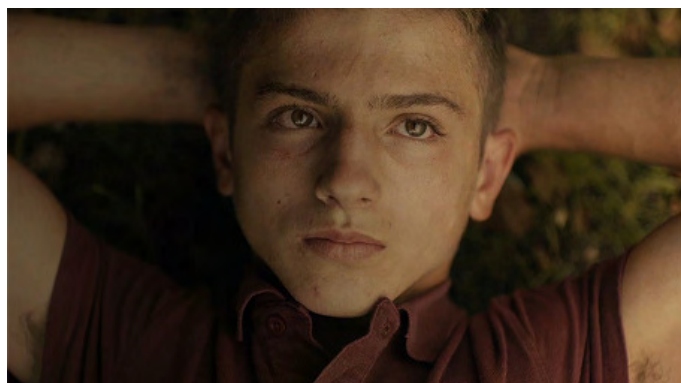
“Interessou-me fazer um filme sobre a família. Interessava-me aquilo que eu senti quando conheci as pessoas envolvidas: o amor incondicional de uns pelos outros. E o facto de quererem recuperar o filho mais novo para a família. Estiveram sem o irmão durante dois anos e foi uma luta constante. Foi essa persistência que me captou.”

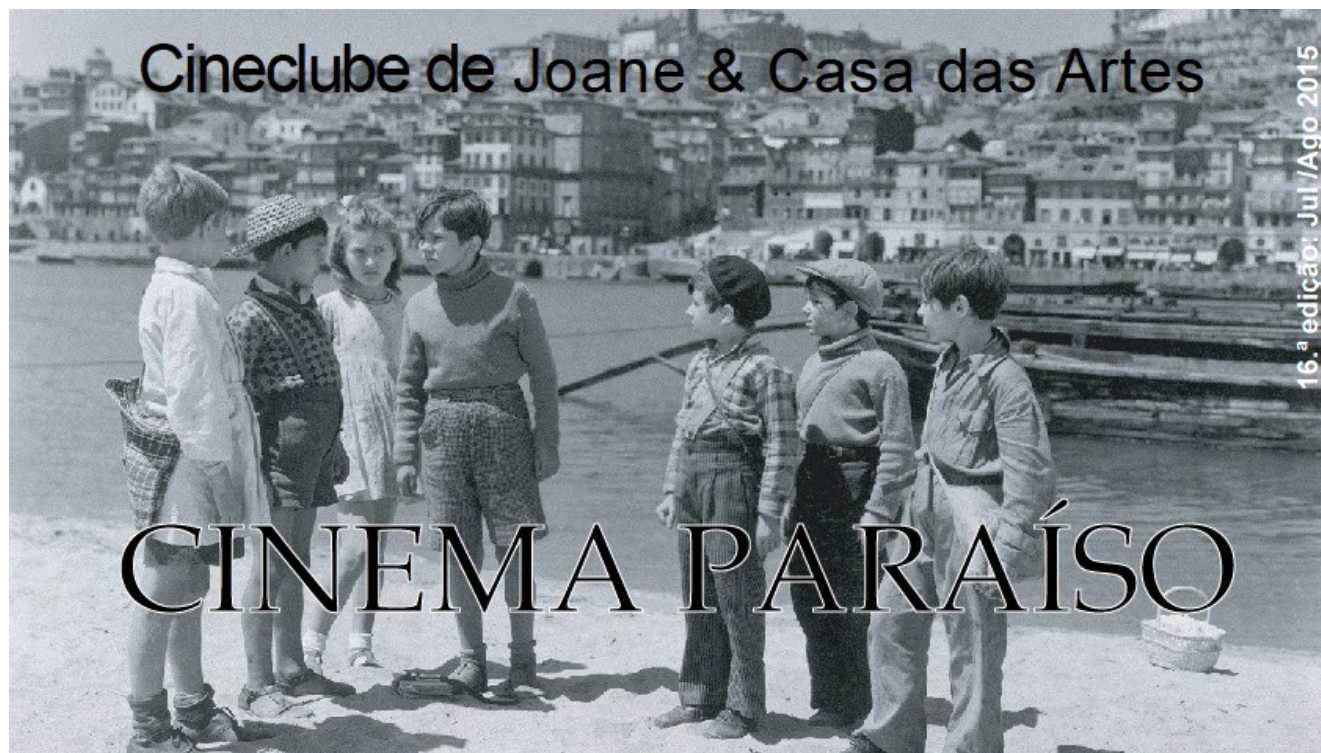
Há uma ausência notória em **Os Olhos de André** – o seu núcleo é masculino, a mãe não existe – mas o filme olha para a família como uma unidade protectora, lugar de empatia. É uma família proletária, rural, órfã. Vivem com poucos meios mas têm-se uns aos outros.

Das quatro longas-metragens na competição nacional, é a mais optimista, ou menos turbulenta, na forma como dá corpo a uma família. É mesmo uma comédia – rarefeita, como nos filmes de Aki Kaurismaki, mas sem o pessimismo do cineasta finlandês. Os diálogos são mínimos, o burlesco irrompe do imobilismo dos corpos e da expressão dos rostos.

É também o único dos quatro filmes que se assume inteiramente como ficção, apesar de se basear numa história verdadeira e de isso ser explicitado logo no início para causar um efeito de real. Mais: o filme é interpretado pelas mesmas pessoas a quem a história aconteceu.

O realizador descreve **Os Olhos de André** como uma “abordagem de ficção, mas com aquilo a que Bresson chama de modelos”. “Não me interessava a naturalidade, mas sim a natureza. Não me interessava que os actores estivessem a pensar sobre o que estavam a fazer”, diz. Queria que fossem em ver de parecerem. Pediu-lhes para não representarem. “Este filme nunca poderia ser a mesma coisa com actores profissionais. Quando vamos ao cinema estamos a ver actores a fingir. Aqui estamos a ver as próprias pessoas a ser e a recompor aquilo que já lhes aconteceu.”





RIBA D' AVE
Biblioteca (exterior)

12.Jul
AS ASAS DO VENTO

BAIRRO
Parque das Camélias

19.Jul
ANIKI BÓBÓ

NINE
Loteamento do Bacelo

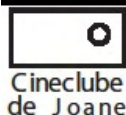
26.Jul
O MEU NOME É ALICE

FAMALICÃO
Parque da Devesa

15.Jul BIRDMAN
22.Jul OS MONSTROS DAS CAIXAS
5.Ago KINGSMAN:SERVIÇOS SECRETOS
12.Ago GRAND BUDAPEST HOTEL
19.Ago OS GATOS NÃO TÊM VERTIGENS
26.Ago MAGIA AO LUAR

22h00, entrada livre

www.cineclubejoane.org
correio@cineclubejoane.org



Vaudeville Rendez-Vous, uma produção do Teatro Didascalía

Cinema com Pequeno-Almoço (10h00) _ Museu Bernardino, Machado Rua Adriano Pinto Bastos, Famalicão

Programação (Cinema): **Cineclube de Joane**

18 de Julho (Sábado, entrada livre) - OS MARX NO FAR WEST de Edward Buzell

Título original: Go West (EUA, 1940, 77 min)

Os irmãos Marx vão para o West, onde abundam o sol, as gargalhadas e confusões e ladrões de terras gananciosos. Alguns dos momentos altos deste clássico da comédia incluem a inesquecível burla de um dólar, a viagem de coche, a visita de Chico e Harpo ao *saloon* e a perseguição de comboio no final.



19 de Julho (Domingo, entrada livre) - O AGENTE DA BROADWAY de Woody Allen

Título original: Broadway Danny Rose (EUA, 1984, 80 min.)

Depois de “Zelig”, um dos filmes mais delirantes de Woody Allen, o realizador escreveu e dirigiu “O Agente da Broadway”, onde o humor é temperado com alguma melancolia. Danny Rose (Woody Allen) é um agente artístico de quinta categoria para artistas de sexta, o que não o impede de promovê-los de alma e coração. É o que acontece com Lou Canova (Nick Apollo Forte), um cantor para quem Rose consegue arranjar um bom contrato. Existe apenas um pequeno problema: Canova não consegue cantar sem a presença da sua amante Tina (Mia Farrow) na plateia, mas não pode ser ele a levá-la, porque é um homem casado. A tarefa sobra para Rose e vai revelar-se mais complicada do que parecia. Uma das curiosidades de “O Agente da Broadway” é a presença de Milton Berle, que se representa a si próprio. Berle, que tem uma longa carreira como comediante, “entertainer” e actor, foi a primeira pessoa a aparecer na televisão norte-americana, numa emissão experimental que foi para o ar em Nova Iorque em 1928. Durante anos manteve no pequeno ecrã um programa com o seu nome, o que o levou a ser apelidado de “Senhor Televisão”. Com “O Agente da Broadway” Woody Allen foi nomeado, em 1985, para os Óscares de melhor realizador e melhor argumento original.



FESTA DA ANIMAÇÃO (com a Casa da Animação) _ 31 de Outubro de 2015

O **Cineclube de Joane**, em parceria com a **Casa das Artes de Famalicão**, associa-se à **Festa da Animação**, com a apresentação de uma sessão dupla: um **Panorama Infantil** e os nomeados para o **Cartoon d'Or**, prémio europeu mais relevante no género da animação.

1. **PANORAMA INFANTIL** – sensibilizar e divertir

O panorama infantil é especialmente pensado para os mais jovens, com filmes que procuram sensibilizá-los para a diversidade cultural e a pluralidade de formas, técnicas e registos no mundo da animação, divertindo-os também.

Recomendado para a comunidade escolar (Pré-escola, 1, 2º ciclo/famílias)

Duração: 52 minutos

Classificação: **M/6 anos**

LA PETITE CASSEROLE D'ANATOLE França, 2014,

5' 47, Eric Montchaud

A MINHA MÃE É UM AVIÃO Rússia, 2013, 6', Yulya Aronova

VIAGEM NA CHUVA Brasil, 12', Wesley Rodrigues

ZEBRA Alemanha, 2013, 2'45, Julia Ocker

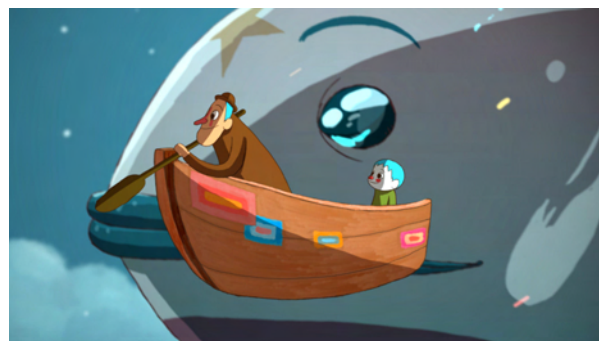
A BICICLETA DO ELEFANTE França, 2014, 08'42, Olesya Schukina

JOHNNY EXPRESS Coreia do Sul, 5', Kyungmin Woo

DOIS AMIGOS França, 4'02, 2014, Natalia Chernysheva

VENTO 4', Alemanha, 2013, Robert Lobel

O PRESENTE Alemanha, 2014, 4' 18, Jacob Frey



2. **CARTOON D'OR 2015**

Sessão que reúne os seis melhores filmes europeus do ano (escolhidos de entre os palmarés dos maiores festivais europeus), entre os quais aquele que será o vencedor do *Cartoon d'Or* e que é conhecido e anunciado em Setembro de 2015, no Forum Cartoon (França).

Duração: 64 minutos

Classificação: **M/12 anos**

LIFE IN A SINGLE Job, Joris e Marieke, Holanda, 2014, 2' 15

THE BIGGER PICTURE Daisy Jacobs, Reino Unido, 2014, 7' 30

BROTHERS IN ARMS Cav Bogelund, Dinamarca, 2014, 30'

PREMIER AUTOMNE Carlos de Carvalho e Aude Danset,

França, 2013, 10' 30

MOI J'ATTENDS Claire Sichez, França, 2013, 5'

CODA Alan Holly, Irlanda, 2014, 9'



A FESTA DA ANIMAÇÃO é um evento único no mundo. Por ocasião do DIA MUNDIAL DA ANIMAÇÃO, a 28 de Outubro, programadores e instituições de todo o mundo associam-se à efeméride para celebrar o cinema de animação. E a iniciativa replica-se por várias cidades em mais de 40 países do mundo. A CASA DA ANIMAÇÃO (CdA), atualmente responsável pela curadoria internacional deste grande evento, promove a Festa da Animação em Portugal, em parceria com agentes culturais de várias cidades do país. Entre 27 de Outubro e 01 de Novembro de 2015, celebra-se a 14ª edição da Festa da Animação, e a 3ª edição em Portugal no seu novo formato: que inclui a atribuição do PRÉMIO NACIONAL DA ANIMAÇÃO e a eleição de uma cidade para CAPITAL DA ANIMAÇÃO. A CdA disponibiliza um programa com diferentes sessões de animação, procurando dar a conhecer o que melhor se faz na Animação Portuguesa e no panorama internacional. O impacto da Festa depende diretamente do envolvimento dos agentes culturais, programadores, municípios, museus, cineclubes, festivais e escolas, que se envolvem na sua organização, dando a descobrir a diversidade e magia da animação a uma comunidade vasta e heterogénea, que não se esgota no público infantil e juvenil.

Cineclube de Joane / PLANO DE ACTIVIDADES 2016

02 – PLANO DE ACTIVIDADES – TEXTO



02.01.01 **ROSSELLINI**, o Humanista

02.01.02 **Billy WILDER** – O Disfarce

02.01.03 **TATI** integral no Verão

02.01.04 **Jean ROUCH** _ **Eu, Um Negro + Os Mestres Loucos**

02.01.05 **Imagens do Holocausto**

02.02. **Programação Semanal de Cinema de Autor**

02.03. **Rede de Exibição Alternativa** – R.E.A. / I.C.A.

02.04. **Já Não Há Cinéfilos?!**

02.05. **Autor Autor: Krzysztof Kieslowski / Wang Bing / Edgar Reitz**

02.06. **Extensões de Festivais de Cinema**

02.06.01. **CINANIMA** – Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho

02.06.02 **INDIELISBOA** – Festival Internacional de Cinema Independente de Lisboa

02.06.03 **DOCLISBOA** – Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa

02.07. **O Dia Mais Curto**

02.08. **Festa da Animação**

02.09. **Masterclasses, Debates: O CINEMA PORTUGUÊS em Destaque**

02.10. **Cinema para as Escolas**

02.11. **Cinema Paraíso** _ sessões de cinema ao ar livre, uma itinerância por Famalicão

02.12. **O Homem da Câmara de Filmar**

02.13. **Página na Internet**

02.14. **Edição do Boletim Mensal – Remodelação**

02.01.01 – ROSSELLINI, O HUMANISTA

No último trimestre de 2009, mostramos três filmes incontornáveis de Roberto Rossellini – **Roma Cidade Aberta**, **Stromboli**, **Viagem em Itália** – integrados na rubrica **Já Não Há Cinéfilos?!** – onde avultavam duas actrizes: Anna Magnani e Ingrid Bergman. Com a reposição histórica de dez obras em sala do cineasta humanista, exibiremos seis filmes ao longo de um semestre, com títulos produzidos ao longo de mais de uma década, onde se destaca uma Europa saída de um conflito devastador e um cineasta em permanente disponibilidade para criar novas formas de narrativa e linguagem.

LIBERTAÇÃO de Roberto Rossellini (Jan.2016)

Paisà (Itália, 1946, 120 min) Um dos mais míticos filmes realizados em Itália no período que se seguiu ao fim da guerra. "Paisà" retrata, em seis episódios, a progressão das tropas americanas de libertação, desde o desembarque na Sicília até aos pântanos do vale do Pó. A descrição da realidade imediata, na linha de "Roma Città Aperta", a utilização de não profissionais, o aspecto de documentário da fotografia, tudo faz de "Paisà" uma obra em completa ruptura com o cinema italiano da década anterior.



ALEMANHA, ANO ZERO de Roberto Rossellini (Fev.2016)

Germania anno Zero (Alemanha / Itália, 1948, 75 min) O mais pungente e desesperado filme sobre o pós-guerra. A crise económica e moral na Alemanha, através do drama de uma criança sobrevivendo de pequenos tráficos e expedientes, sustentando um pai doente, e que acabará por envenenar por influência de um seu professor nazi.



O AMOR de Roberto Rossellini (Mar.2016)

L' Amore (Itália, 1948, 69 min) O filme é composto por dois segmentos. O primeiro, "Una voce umana", é inspirado na obra "La voix humaine" de Cocteau e mostra uma chamada telefónica de uma mulher abandonada pelo seu amante. O segundo segmento, "Il Miracolo", conta a história de uma agricultora, seduzida por um estranho. Quando engravida, a mulher acredita que foi graças ao poder do Espírito Santo.



EUROPA' 51 de Roberto Rossellini (Abr.2016)

Europa'51 (Itália, 1952, 113 min) Ingrid Bergman interpreta Irene Girard, uma mulher rica e egocêntrica, habituada a uma vida luxuosa, em Roma. Quando o seu filho morre de forma dramática, Irene decide dedicar o seu tempo e dinheiro aos mais necessitados, de modo a lidar com a culpa e encontrar significado na sua vida. O seu novo propósito de vida leva a problemas conjugais e a questionar a sua sanidade.



O MEDO de Roberto Rossellini (Mai.2016)

Non credo più all'amore (La paura) (Itália / Alemanha, 1954, 75 min) "O Medo" representa o filme do fim e da separação. E é, talvez por isso, o mais perturbante de todos, porque se torna transparente que a personagem feminina é "mesmo" Ingrid e a masculina um alter-ego de Rossellini. É também um admirável "exercício" de suspense "à Hitchcock" num filme sobre a manipulação. [Cinemateca Portuguesa]

**ÍNDIA de Roberto Rossellini (Jun.2016)**

Índia (Itália / França, 1959, 95 min) Como não recordar que Langlois e Rossellini estiveram juntos em Portugal em 1973, em memorável sessão? "Índia" é o filme que marca a ruptura de Rossellini com o cinema narrativo, abrindo caminho para os seus trabalhos na televisão. É um filme que procura mostrar "outros modos de vida e de pensamento", perscrutando as castas, raças e religiões que formam o povo indiano.

**Rossellini x 10**

Luís Miguel Oliveira, Público de 30 de Março de 2015

(...) Há um programa Roberto Rossellini em rotação. Corresponde maioritariamente ao período – grosso modo, 1945-1960 — em que o cineasta italiano realizou os filmes mais célebres e, através deles, firmou um lugar crucial na história do cinema. Do período posterior a este, quando Rossellini passou a trabalhar sobretudo para a televisão, conta-se apenas um representante neste grupo, **A Força e a Razão**, que basicamente é uma entrevista com Salvador Allende filmada em 1971 (mas apenas vista em 1973, já depois da morte do Presidente chileno).

Roma, Cidade Aberta, de 1945, não foi o primeiro filme de Rossellini, nem sequer o seu primeiro filme memorável (os muito estimáveis **La Nave Bianca** ou **Un Pilota Ritorna**, rodados durante a guerra), mas foi o filme que o lançou, e que lançou uma nova era: inaugura, pode-se dizê-lo, o cinema do pós-guerra, tanto em termos "éticos" como ou em termos "estéticos". Celeberrima história de sacrifício durante a ocupação nazi, com uma Anna Magnani mais "telúrica" do que nunca a compor a mais poderosa personagem maternal que o cinema já registou, abre também a ofensiva "trilogia da guerra" que Rossellini fez seguir com **Paisá** (1946), um filme em episódios focando diversos aspectos dos últimos meses da II Guerra em território italiano, e esse colossal **Alemanha, Ano Zero**, de 1948, filmado na Berlim arruinada e propondo, tragicamente, através da história de um miúdo influenciado por um tutor nazi, a possibilidade de um novo começo, de um "ano zero", para a Alemanha e para a Europa.

Por esta altura já Ingrid Bergman, em Hollywood, vira **Roma, Cidade Aberta** e ficara assarapantada com a existência de um filme como aquele. Escreveu a Rossellini oferecendo-se para trabalhar com ele. A colaboração — e a vida em comum — começariam no final da década, mas antes disso Rossellini ainda se despediu de Anna Magnani, protagonista de **O Amor**, filme em dois episódios — o primeiro é uma adaptação da *Voz Humana* de Cocteau, o segundo uma sátira religiosa, mas absolutamente dramática, que tem ainda a particularidade de pôr Magnani a contracenar com um futuro cineasta então ainda conhecido apenas pelo seu trabalho de argumentista (por exemplo para Rossellini), de seu nome Federico Fellini. Depois Bergman chegou, para um conjunto de filmes determinante, que forma um núcleo definido na obra de Rossellini (e a única longa com Bergman não incluída nesta operação é a última, **Joana d'Arc na Fogueira**). **Stromboli**, com Bergman perdida numa ilha de pescadores e uma sequência final estarrecidora na encosta do vulcão; **Europa 51**, sobre uma "santa" moderna, cuja devoção aos pobres e aos enfermos é visto pelo marido como uma forma de loucura; **Viagem a Itália**, milagroso filme sobre um casamento em crise que não deixa de rimar, autobiograficamente, a relação entre Rossellini e Bergman; e **O Medo**, baseado em Stefan Zweig e o mais germânico de todos os filmes de Rossellini — todos eles se ligam pela preponderância da espiritualidade e da abordagem a universos interiores, psicológicos sem serem necessariamente "psicologizantes", como se o cineasta tivesse pegado em Bergman para lhe retirar o glamour de Hollywood e procurar-lhe a "aura", naquele velho, e mais preciso, sentido do termo.

Dois filmes completam esta mostra. **A Máquina de Matar Pessoas Más**, um dos mais bizarros e mais esquecidos filmes de Rossellini, uma comédia semi-absurda e antimaniqueísta sobre todas as "sombras de cinzento" entre o Bem e o Mal; e o outro dos seus monumentos, **Índia**, o espantoso filme indiano de Rossellini, "o filme da criação do mundo" como escreveu Godard, onde a ficção se faz documento e o documento se faz ficção, onde a realidade não exclui o imaginário porque o imaginário — cultural, religioso, etc. — integra a realidade, e que é uma obra de uma beleza avassaladora.

02.01.02 – Billy WILDER – O Disfarce

A Incrível Susana de Billy Wilder

The Major and the Minor (EUA, 1942, 100 min) O primeiro filme americano de Billy Wilder que impõe, de imediato, o seu estilo "provocador". Uma jovem disfarça-se de "criança" (!) para poder usufruir da taxa reduzida numa viagem de comboio. Um major ajuda-a na situação, o que explica o trocadilho do título original. Toda a "perversidade" de Wilder está já presente na relação da jovem com o oficial. Wilder consegue mesmo passar uma famosa "rasteira" à censura, colocando o par na mesma cama, o que era, então, proibido. Como se tratava de uma "criança" os censores fecharam os olhos. O resultado acabou por ser ainda mais escabroso. Por alguma razão, em Portugal os censores vetaram o título "O Major e a Menor". [Cinemateca Portuguesa]

Pagos a Dobrar de Billy Wilder

Double Indemnity (EUA, 1944, 105 min) Considerado como o melhor "filme negro" jamais feito e um dos filmes maiores da história do cinema americano, "Double Indemnity", o filme que impôs Billy Wilder, adapta uma novela de James M. Cain que conta a história de um encontro letal entre um angariador de seguros e a mulher insatisfeita de um cliente, que o levará ao crime. Barbara Stanwyck impôs-se como o arquétipo perfeito da "mulher fatal". [Cinemateca Portuguesa]

O Crepúsculo dos Deuses de Billy Wilder

Sunset Boulevard (EUA, 1950, 110 min) Clássico "film-noir" de Billy Wilder, com Gloria Swanson no seu esplendor como uma grande atriz acabada. Um argumentista falhado (William Holden) encontra uma atriz aposentada que quer regressar à ribalta de Hollywood e que o obriga a escrever um argumento para ela. Ganhou três Óscares (em 11 nomeações): melhores argumento, banda sonora e direcção artística.

O Grande Carnaval de Billy Wilder

Ace in the Hole (EUA, 1951, 108 min) "O Grande Carnaval" é um dos filmes menos conhecidos de Billy Wilder, onde o cineasta reflecte sobre o papel da imprensa sensacionalista. Trata-se de um filme visionário, com muito a ver com a comunicação social moderna. Kirk Douglas interpreta o papel de Charles Tatum, um repórter sem escrúpulos que se dedica a dar ao público histórias de sensação, mesmo que para isso tenha de maquiar um pouco a realidade. Walter Newman, Lesser Samuels e Billy Wilder foram nomeados para o Óscar de melhor argumento original de 1952. Billy Wilder ganhou o prémio internacional do Festival de Veneza de 1951.

O Pecado Mora ao Lado de Billy Wilder

The Seven Year Itch (EUA, 1955, 100 min) Foi o filme que consagrou Marilyn Monroe como uma diva do cinema, com o inesquecível plano da actriz, num vaporoso vestido branco, a agarrar a saia, levantada pelo ar que sai de um respiradouro do metro de Nova Iorque. Na comédia "O Pecado Mora ao Lado", Richard Sherman (Tom Ewell) é um marido afectuoso e fiel que fica sozinho em casa enquanto a família vai de férias. As promessas íntimas de bom comportamento feitas por Sherman são fortemente abaladas quando ele se cruza com uma das suas vizinhas, uma rapariga loira cuja beleza é de cortar a respiração (Marilyn, é claro).

Beija-me, Idiota de Billy Wilder

Kiss Me, Stupid (EUA, 1964, 115 min) Um filme da penúltima fase da carreira de Billy Wilder, a menos respeitada, a que veio depois do Quanto Mais Quente Melhor, um filme sórdido, obscuro, pífido, desesperado, desenganado. Vienense, judeu que andou por Berlim onde, disse ele, I was a gigolo, Billy Wilder é homem que filma a América sem ilusões. Nem lirismo. O que viu da humanidade (Stalag 17) chega-lhe para nunca mais acreditar em ninguém. No meio desta gente cúpida, há sempre uma mulher que Wilder olha com evidente misoginia - e desta vez é Kim Novak, a última das suas heroínas patetas, também as únicas a ser perdoadas. [Cinemateca Portuguesa]



A comédia triunfante Billy Wilder deu uma nova tonalidade à comédia americana. Sabe como fazer o espectador rir e alterna diálogos hilariantes com situações engraçadas, que roçam muitas vezes o burlesco. O seu gosto pelos travestis e pelo quiproquós sexuais, vêm-lhe, sem dúvida, da frequentação dos cabarés berlinenses durante a República de Weimar. Lubisch, um dos seus mestres, havia, aliás, sofrido a mesma influência, mas tinha apagado a vulgaridade e a grosseria dos seus filmes americanos. Em contrapartida, soube conservar o jogo de ambiguidades que dava todo o sabor e sublimou-o de um modo genial. Ao trabalhar com Lubisch, Wilder aprendeu, por isso, a dosear e a estruturar os efeitos cómicos para melhor os aperfeiçoar. Todavia, acrescentou muita crítica social. As suas comédias transformaram-se então tanto em farsas como em sátiras. A mentira e o disfarce são os seus materiais preferidos para fazer o público rir. Também usa a inversão, mais do que a mudança de situação. As suas personagens são sempre forçadas a mudar de identidade ou de sexo para se livrarem de sarilhos. E, como são obstinadas, ficam emaranhadas nas suas intrigas e perdem-se na paranoia ou na esquizofrenia. É próprio dos grandes autores cómicos proceder deste modo. De Molière a Sacha Guitry, de Charles Chaplin a Jerry Lewis, estes génios divertiram o público com estes sistemas. Nisso, Wilder é um clássico.

Billy Wilder e o filme negro Não foram as comédias que consagraram Billy Wilder como realizador em Hollywood, mas os filmes negros. O sucesso de **Pagos a Dobrar** contribuiu para impor este movimento que surgira desde há muito e que desabrochará em 1944 com a estreia de outros filmes de cineastas da Europa Central: **Laura** de Otto Preminger, **Phantom Lady** de Robert Siodmak, ou **Suprema Decisão** de Fritz Lang. Marcadas pelo estilo germânico, todas estas obras tinham o cunho do seu autor e o sórdido não aparecia da mesma forma. Preminger juntava-lhe uma sofisticação de gelo. Siodmak e Lang brincavam com o onirismo ou apelavam à psicanálise. Por sua vez, Wilder optava por um realismo inquietante, tendo, para tal, recorrido a Raymond Chandler, um dos escritores vindos da escola literária "Black Mask". A sua preocupação de colocar a ficção criminal ao nível de uma reportagem dava ao filme um reflexo de realidade e recusava todo o romantismo. O seu par de canalhas era fascinante, pois era formado por dois monstros comuns e humanos. Essa mesma abordagem repetir-se-á nos seus dramas: **Farrapo Humano**, **O Crepúsculo dos Deuses**, **O Grande Carnaval**, **Testemunha de Acusação**, antes de se cristalizar mais tarde em **O Segredo de Fedora**, um melodrama onde o mórbido se associa ao fim de uma outra ilusão: o cinema romântico tradicional. Wilder definiu um dos conceitos essenciais do filme negro: o realismo sórdido, mas adaptou-o de forma tão brilhante noutras obras que imprimiu uma subtilidade moral nas confissões de patifes ou de cobardes que povoam todos os seus filmes. Sabendo que o filme negro nunca pode funcionar directamente com a comédia, conservará os seus princípios, dissimulando-os, para encher as suas farsas sociais ou burlescas de um pessimismo cínico que supera sempre o jogo de quiproquós e as situações de *vaudeville*. Foi assim que fez sátiras cruéis com o que normalmente repugna ou assusta. **O Apartamento** é o protótipo mais bem conseguido do filme negro, disfarçando-o com um humor sombrio, acrimonioso e perverso até ao insuportável. Em contrapartida, quando opta pelo filme de bandidos – **Quanto Mais Quente Melhor** – a paródia leva a melhor, pois este género é demasiado codificado para se deixar subverter dessa maneira. Finalmente, se Wilder transforma frequentemente os contos de fadas, é porque tem consciência do que Cocteau afirmava: "*Os contos de fadas são os romances eróticos das crianças, pois fazem-lhes medo*", e a careta do palhaço é, na verdade, mais assustadora que engraçada. O sarcasmo é diabólico como um filme negro.

A arte do argumento Wilder estreou-se no cinema como argumentista e, ao longo dos anos, soube assimilar os conselhos de dois mestres da matéria: Carl Mayer e Ernst Lubitsch. Mas sempre trabalhou a dois neste domínio, primeiro com Charles Brackett, um homem diferente dele em todos os aspectos da vida, mas capaz de instaurar um diálogo produtivo na elaboração dos guiões. Ao longo dos seus anos de trabalho em conjunto, introduziram o realismo na comédia tradicional ou no drama, com o mesmo agrado. No entanto, a origem social e a mentalidade reacionária de Brackett persuadiram Wilder a afastá-lo da escrita de **Pagos a Dobrar** e a associar-se a Raymond Chandler, que trará uma originalidade inegável aos diálogos. Mais tarde, separado de Brackett, Wilder contratará outros argumentistas antes de conhecer I.A.L. Diamond, do qual não se separará mais. Ele explicará o método de trabalho a Jean Douchet: "*Por vezes, escrevemos, por vezes, discutimos. Quando estamos desesperados, calam-nos. Chegamos a escrever doze páginas de tarde. Acontece de tudo. Ficamos no meu quarto desde as nove da manhã às seis da tarde, de forma tão regular como os empregados de escritório. A dificuldade não é encontrar ideias a partir do nada, é partir de milhões de ideias das quais a maior parte não tem nada a ver com o que temos de fazer. O primeiro grande trabalho é deitar fora tudo o que é inútil*". Antes de mais, Wilder procura o que vai incidir sobre o público de forma imparável, mas não aliciadora. Um letrado pendurado no seu escritório é revelador: "*Como é que Lubitsch faria?! É interessante saber que os dois argumentistas hesitavam na última cena de Quanto Mais Quente Melhor*", Diamond lançara a deixada "Ninguém é perfeito", que havia tido lugar no meio da sequência. Como não lhes surgia nenhuma ideia para a deixa final, passaram essa frase para o fim da cena, mas provisoriamente, à espera de encontrar algo melhor antes que fosse rodada. Não o conseguindo, conservaram-na e ficaram espantados ao constatar o seu extraordinário impacto cómico no público. Wilder nunca acreditou na improvisação de uma cena na rodagem. O seu argumento não é apenas a arquitectura do filme futuro, é já o filme. A realização não passa da orquestração dos tempos dos actores e da cadência do conjunto. Cenários, músicas e montagem estão dependentes dessa base escrita onde a especificidade cinematográfica é o único vector que justifica as descobertas de diálogos ou de situações. Mas esse controlo absoluto não é o suficiente para atingir a eficácia pretendida. Billy Wilder sabe-o desde o seu começo como cineasta: constatou a inutilidade das cenas finais de **Pagos a Dobrar** e o seu erro de estratégia na abertura de **O Crepúsculo dos Deuses** com uma cena na morgue.

Noel Simsolo, Cahiers du Cinema

02.01.03 – TATI integral no Verão

Exibição pela primeira vez das duas últimas longas de Jacques Tati – **Parade** e **Trafic** - e reposição das restantes, em sala ou em sessões ao ar livre. No Verão de 2016.

Há Festa na Aldeia de Jacques Tati

Jour de Fête (França, 1949, 80 min) Numa pequena aldeia do centro de França é dia de festa: os feirantes chegam à praça com as suas roulotes, carroças, carros, cestas, carrocéis, lotarias, fanfarras. Instala-se um cinema ambulante. É ocasião para os aldeões descobrirem um documentário sobre as proezas dos correios na América. Ridicularizado por toda a aldeia, François, o carteiro, decide aprender a executar o seu trabalho "à americana".



As Férias do Sr. Hulot de Jacques Tati

Les Vacances de Monsieur Hulot (França, 1953, 80 min) Hôtel de la Plage, costa atlântica, Verão: as pessoas pousam as malas calmamente. Ao longe, o som incomodativo de um carro ruidoso. Ao volante, um veraneante pouco comum. É o senhor Hulot, que empurra a porta do hotel e provoca logo uma enorme corrente de ar. É a desordem total durante a estação balnear: ténis coreográfico, um barco de pesca partido. O Sr. Hulot, para gáudio das crianças, semeia involuntariamente o terror nesta pequena sociedade de veraneantes demasiado sérios. **Festival Cannes - Prémio da Crítica Internacional**



O Meu Tio de Jacques Tati

Mon Oncle (França, 1958, 111 min) O senhor e a senhora Arpel têm uma casa moderna num quarteirão asséptico. Eles têm tudo, conseguiram tudo, na casa deles é tudo novo: o jardim é novo, a casa é nova, os livros são novos. Neste universo tão confortável, tão "clean", tão "high-tech", tão bem programado, o humor, os jogos e a sorte não têm lugar. E o filho Gérard aborrece-se de morte. É então que irrompe na sua vida o irmão da senhora Arpel, o tio, o Sr. Hulot (Jacques Tati). Personagem inadaptada, habituada ao seu mundo caloroso, vai, para delírio do sobrinho, virar tudo de pernas para o ar. **Festival de Cannes 1958 - Prémio Especial do Júri; Oscars 1959 – Melhor Filme Estrangeiro**



Playtime – Vida Moderna de Jacques Tati

Playtime (França, 1967, 120 min) Na era das "Economic Air Lines", umas turistas americanas efectuam uma viagem organizada. O programa é composto pela visita de uma capital por dia. Quando chegam a Paris, apercebem-se que o aeroporto é exactamente igual àquele de onde partiram de Roma, que as ruas são como as de Hamburgo e que os candeeiros de rua se parecem estranhamente aos de Nova Iorque. Ao longo das 24 horas que dura a sua escala em Paris, as turistas conhecem alguns franceses - entre os quais o Sr. Hulot (Jacques Tati) - com quem estabelecem uma relação mais pessoal. "Playtime", um ensaio sobre a vida moderna que ainda hoje continua extremamente actual, é a obra mais visionária e ambiciosa de Tati, o cineasta imortalizado pelo Sr. Hulot. Por ocasião dos 20 anos da sua morte, o Festival de Cannes prestou-lhe homenagem exibindo uma cópia cuidadosamente restaurada deste filme.



Sim, Sr. Hulot de Jacques Tati

Trafic (França, 1967, 95 min) A sociedade automobilística francesa Altra quer fazer-se vingar no salão Automóvel de Amesterdão com um protótipo engenhoso de caravana desenhado pelo Sr. Hulot. Este irá acompanhar, juntamente com Maria, a jovem e mimada relações públicas da empresa, o camião onde o protótipo seguirá até Amesterdão. Nesta viagem irão surgir uma série de peripécias que atrasarão a chegada e mudarão a postura de Maria para com os que a rodeiam.

National Board of Review 1973 – Melhor Filme Estrangeiro



Parade de Jacques Tati

Parade (França, 1974, 90 min) Ao longo de "Parade", adultos e jovens formam uma massa entusiástica, unida pelo espectáculo à sua frente. Desde o início, duas crianças demonstram, através de trocas de olhar, a alegria de estarem juntos. O público participa directamente no espectáculo de circo e music-hall enquanto Tati, o mestre de cerimónias, dirige e anima esta representação. Filmado em vídeo e transposto para película. "Parade" veio a ser o último filme de Tati, "o maior cómico francês desde Max Linder", na opinião de um ilustre crítico. Neste filme crepuscular, Tati abandona a sua personagem de Monsieur Hulot, porque "no circo, todos são Hulot, todos entram na dimensão mágica, lúdica, da vida" (José Navarro de Andrade). [Cinemateca Portuguesa]



O humor entre a regra e a excepção

João Lopes, DN de 12 de Agosto

(...) Em 1958, ano de lançamento do seu filme de maior impacto internacional, **O Meu Tio**, Jacques Tati deu uma entrevista a André Bazin e François Truffaut para os *Cahiers du Cinéma* (nº 83, Maio). Especialmente importante era o modo como explicava que, desde o princípio, tentara demarcar-se de toda uma tradição de comédia ligada ao circo e ao "music-hall".

Lembrava ele que a personagem cómica tradicional se distingue, desde logo, pela diferença que anuncia: é alguém que se apresenta como especialista em explorar uma certa atitude circense, dançando, fazendo acrobacias, contando histórias divertidas... Ora, o efeito cómico pode nascer, não da excepção, mas da regra. Como dizia Tati, "não é necessário ser uma grande personagem de comédia para que nos aconteça uma situação cómica".

Na prática, isto significa que Tati, nomeadamente através do emblemático Sr. Hulot, se impôs, não pela sua diferença (social, simbólica, etc.), mas, ironicamente, através de uma certa indiferença. Afinal de contas, por exemplo em **O Meu Tio**, ele é apenas o tio que gosta de visitar o sobrinho para partilhar alguns momentos de carinho e diversão.

Através da sua condição de "cidadão com os outros", Tati acabou por construir uma visão metódica das transformações da sociedade francesa, desde a nostalgia burlesca de uma certa ruralidade, obviamente consagrada em **Há Festa na Aldeia** (1949), até à visão delirante do mundo automóvel, em **Sim, Sr. Hulot** (1971), passando, claro, pela apoteose urbana de **Playtime** (1967).

A possibilidade de revermos agora a obra de Tati (incluindo as curtas-metragens!) envolve algo mais do que o reencontro com um dos génios da história do cinema francês. Através dele, poderemos partilhar a sofisticada inteligência de um retrato da vida social em que, muitas vezes, o indivíduo se descobre apagado pela pressão dos valores colectivos. Por alguma razão, os cineastas da Nova Vaga, também eles apostados em criticar as ilusões da "sociedade de consumo", viram em Tati a marca de um mestre.

02.01.04 – sessão dupla Jean ROUCH _ Eu, Um Negro + Os Mestres Loucos

Jean Rouch, que morreu no passado dia 18 de Fevereiro, aos 86 anos, num acidente da viação no Níger, país a que estava muito ligado, é uma das figuras mais originais da história do cinema.

Formado em engenharia, Rouch descobriu a África em 1941 e depois da guerra estudou antropologia no Museu do Homem e no Collège de France, em Paris. Ao fazer a sua segunda viagem a África, em 1947, os seus mestres sugeriram-lhe que filmasse e foi assim que realizou o seu primeiro filme. Rouch fez-se conhecer fora dos círculos etnográficos a partir de “Les Maîtres Fous” (1954-55), que suscitou imensa polémica e imensa admiração. A partir da sua primeira longa-metragem, “Moi, Un Noir”, que aboliu as fronteiras entre documentário e ficção, coexistem na obra de Rouch os filmes etnográficos propriamente ditos e os filmes “narrativos”, ficcionais. Rouch, que realizou o trabalho de câmara de todos os seus filmes, começou a filmar antes da existência das câmaras e dos gravadores leves e soube tirar partido destas contingências, com grande criatividade.

À roda de 1960, foi considerado uma das figuras centrais da revolução que então conhecia o cinema documentário. Antropólogo entre os artistas, artista entre os antropólogos, ao mesmo tempo informal e erudito (era membro do CNRS, foi professor em Harvard e na Sorbonne), Rouch tinha um espírito extremamente aberto. Nas aulas livres que ministrou durante anos na Cinemateca Francesa, aos Sábados pela manhã, ao lado de clássicos do cinema, Rouch também mostrava qualquer filme que lhe fosse proposto por um estudante ou um amador, que aparecesse com a cópia debaixo do braço e a projecção era sempre seguida por um debate.

Completamente francês, mas profundo conhecedor de muitas culturas tradicionais africanas, Rouch gostava de se situar entre duas culturas. A sua posição insólita no seio do cinema fez com que fosse adoptado por alguns representantes do moderno cinema francês, ao ponto de realizar um dos episódios do único filme-manifesto da Nouvelle Vague, “Paris Vu Par...” A sua obra, cujo período mais importante vai de meados dos anos 50 a meados dos anos 70, irritou os militantes políticos e desconcertou os documentaristas tradicionais.

Rua de Baixo, Abril de 2004

Os Mestres Loucos

Les Maîtres Fous (1955, 28 min) Um dos pontos culminantes da obra de Rouch e um clássico do cinema antropológico, mostra uma cerimónia de possessão, mas também tudo aquilo que a antecede e que se lhe segue, a vida de cada um dos “possuídos” independentemente desta cerimónia. Segundo Rouch, “o título deliberadamente ambíguo do filme, significa ao mesmo tempo que as pessoas controlam a sua ‘loucura’ e que estas pessoas têm patrões (maîtres), ou seja nós, que são loucos.” [Cinemateca Portuguesa]

**Eu, Um Negro**

Moi, un Noir (1958, 72 min) Primeira longa-metragem de Rouch, filmada na Costa do Marfim, MOI UN NOIR, obra-prima do cinema moderno, mistura ficção e realidade, através da rotina de três jovens do Níger que emigraram para Abidjan e “encenam o seu ser imaginário”, nas palavras de Jean-André Fieschi. Por isso, estes habitantes de um bairro de lata, que vivem “Sábados e Domingos num Eldorado imaginário” (Rouch), adoptam pseudónimos como Edward G. Robinson, Eddie Constantine ou Dorothy Lamour. O desempenho dos actores amadores é excepcional. Godard reconheceu a sua dívida para com este filme. [Cinemateca Portuguesa]



02.01.05 – Imagens do Holocausto

Três filmes para rever e repensar o Holocausto

João Lopes, DN

Numa iniciativa ligada ao assinalar dos 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, surgem nas salas três filmes que trabalham, em particular, sobre as memórias do Holocausto — um leque precioso de memórias históricas e cinematográficas.

Os 70 anos passados sobre o final da Segunda Guerra Mundial — e, em particular, o assinalar do Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto (27 Janeiro) — são o pretexto para uma iniciativa com chancela da distribuidora Midas Filmes, envolvendo a estreia de três filmes que, de uma maneira ou de outra, lidam com as memórias do Holocausto.

Num certo sentido, podemos considerar que estes filmes prolongam um fenómeno a que temos assistido em anos recentes — a vontade de revisitar a Segunda Guerra Mundial para além das regras comuns do "filme-de-guerra" — e que passa por produções tão distintas como o recente "Invencível", de Angelina Jolie, a superprodução chinesa "As Flores da Guerra", de Zhang Yimou, ou esse objecto de perturbante intimismo que é "Lore", assinado pela australiana Cate Shortland.

A importância de "O Último dos Injustos", "A Noite Cairá" e "O Homem Decente" é tanto maior quanto, ao reverem e repensarem o Holocausto, integram uma questão fulcral da actualidade cinematográfica e jornalística. A saber: como lidar com os arquivos históricos? Ou ainda, como narrar às novas gerações a Segunda Guerra Mundial e, em particular, como ajudá-las a compreender o horror do Holocausto?

O ÚLTIMO DOS INJUSTOS, de Claude Lanzmann — É um filme que prolonga o incontornável "Shoah" (1985), com que Lanzmann construiu uma memória falada do Holocausto, inventariando testemunhos e revisitando os locais dos campos de concentração construídos pelos nazis. Agora, ele recupera uma entrevista inédita (registada em 1975) com o derradeiro presidente do Conselho Judaico do gueto de Theresienstadt, em paralelo regressando aos cenários do extermínio — é a prova muito real de como a memória nasce de uma permanente dialéctica entre passado e presente, sempre sob o signo revelador da palavra.



A NOITE CAIRÁ, de André Singer — Uma verdadeira odisseia de imagens e com imagens. Esta é a história do material que os aliados registaram no momento de libertação dos campos de concentração e, depois, da decisão de não mostrar as suas imagens, com receio de desmobilizar os alemães para o esforço de reconstrução do pós-guerra — o trabalho de Singer constitui um exemplo modelar de uma atitude cinematográfica em que o arquivo é, não um lugar inerte, mas um elemento vivo cuja dinâmica, visibilidade ou invisibilidade, importante (re)pensar sempre a partir do nosso presente.



O HOMEM DECENTE, de Vanessa Lapa — A história de Heinrich Himmler, líder das SS e braço direito de Adolf Hitler, é essencial para compreender a monstruosidade da Solução Final e o Holocausto. Neste caso, essa história surge contada através de um arquivo muito particular — são cartas, diários, fotografias e outros objectos encontrados na residência da família Himmler, no final da guerra. A complexa teia dos factos históricos expõe-se, aqui, através da pluralidade (material e discursivo) dos próprios documentos.



02.02 – Programação Semanal de Cinema de Autor

A Direcção do *Cineclube de Joane* concretizou em Janeiro de 2002 um dos objectivos a que se propôs desde a sua fundação em Setembro de 1998: a programação semanal de filmes, após a consolidação das sessões quinzenais no ano anterior. O critério de escolha das películas será o que adoptamos desde o início: o *Cinema de Autor*. Reforçamos a opinião de que existem muitas salas, cada vez mais em *Multiplex* dos centros comerciais e afastadas do contexto urbano, sendo que já existem vários distritos em Portugal sem exibição comercial de cinema, mas poucas propostas (os filmes exibidos são sempre os mesmos, embora espalhados pelas salas referidas acima). Iremos de encontro a outras cinematografias. **Propomos, então, uma programação com identidade, privilegiando a especialização, a exploração dos nichos. Vamos continuar a mostrar *Todo o Cinema do Mundo*, incluindo o que está “escondido” do público, que merece mais visibilidade, promoção e discussão.**

Durante o ano de 2015, foram programadas sessões semanais (ver retrospectiva 01.02), com uma consolidação do número de espectadores denotada principalmente desde a mudança, em Março de 2002, para a *Casa das Artes de V. N. de Famalicão*, o que nos motiva, uma vez que houve um progressivo reforço na identidade da programação proposta. Pretende-se uma implantação crescente na cidade e no concelho de V. N. de Famalicão por forma a levar o Cineclube, e os seus filmes, a um maior número de público(s).

Pretende-se, para o ano 2015, continuar a fomentar nas pessoas o hábito de frequentar o *Cineclube de Joane* (CCJ) semanalmente.

Sabemos do declínio que as salas de cinema atravessam, com a crescente diminuição do número de espectadores. Relativamente a esta questão temos adoptado uma posição pedagógica, uma vez que as causas do problema estão determinadas: o uso crescente do *dvd*, a disponibilização de filmes em inúmeras plataformas (de televisão e outras). Portanto, é necessário esclarecer os espectadores relativamente às diferenças entre uma sessão numa sala de cinema e uma sessão doméstica com o recurso ao *dvd* (por vezes com versões de péssima qualidade das obras). Estas duas práticas são complementares, mas o que o espectador deve perceber é que o Cinema como arte (maior que os homens!) deve ser visto numa sala de cinema.

A estas dificuldades continuaremos a responder com inovação, sem limitar o projecto à exibição de filmes, tentando alargar o número de propostas a apresentar, angariando apoios em diversas áreas, por forma a constituir algo de singular. Continuaremos a privilegiar o Cinema Português para a programação regular. Tal como em 2014, as sessões regulares serão complementadas com a rubrica ***Já Não Há Cinéfilos?! (ver 02.04)*** e a ***Rede de Exibição Alternativa (ver 02.03)*** promovida pelo Instituto do Cinema e do Audiovisual (I.C.A.).

Prosseguiremos com a rubrica *Traz Outro Amigo Também*. Mensalmente, seleccionaremos um dos filmes em que um associado poderá trazer um amigo que, por esse facto, terá entrada livre na sessão em causa. É mais um modo de disseminar a actividade do Cineclube, aproximando-nos do público.

Para as primeiras semanas de 2015, dispomos de uma lista de filmes a exhibir, designadamente:

- ❑ **CÃES ERRANTES** de *Tsai Ming Liang*;
- ❑ **HOMEM IRRACIONAL** de *Woody Allen*;
- ❑ **É DIFÍCIL SER UM DEUS** (ver foto)
de *Aleksey German*;
- ❑ **THE SMELL OF US** de *Larry Clark*;
- ❑ **MEKONG HOTEL** de *Apichatpong Weerasethakul*;
- ❑ **A ASSASSINA** de *Hou Hsiao-Hsien*



02.03 – Rede de Exibição Alternativa (REA) / I.C.A.

O *Cineclube de Joane*, conjuntamente com o *Instituto do Cinema e do Audiovisual* (I.C.A.) e os Cineclubes de Amarante, Fafe e Guimarães, firmou um protocolo válido para 2002 que permitiu a exibição de 25 filmes por cada um dos cineclubes, privilegiando o Cinema Português e da União Europeia. Esta rede alternativa de exibição cinematográfica, permitiu que o *Cineclube de Joane* pudesse assumir sessões com uma periodicidade semanal (ver item anterior). Nesse protocolo concretizou-se além da exibição dos filmes, a publicação de um boletim mensal, elaborado pelos quatro cineclubes e a edição de uma brochura no final de 2002 para assinalar esta iniciativa.

Nos anos seguintes (2003 a 2015), o *Cineclube de Joane* firmou protocolos anuais com o I.C.A. para a exibição de mais de 30 filmes por ano, produzidos por países da União Europeia e por países Ibero-americanos, iniciativa que revelou um crescente interesse da parte do público, pelo cinema oriundo das referidas nacionalidades, e que foi, convém dizê-lo, uma das apostas da Direcção do *Cineclube de Joane* desde a primeira hora. Esta REA permite a promoção de filmes de produção portuguesa e de géneros mais singulares, e que desde sempre nos interessaram, como seja o documentário. A regulamentação da REA (desde 2008), permitiu também a programação de uma parte de filmes de outras nacionalidades e, por isso, demos uma particular atenção às reposições (clássicos) e ao cinema asiático, como é possível constatar nas retrospectivas que apresentamos em anos anteriores, assim como nos filmes que indicamos abaixo e que iremos exhibir em breve.

Este programa foi descontinuado durante o ano de 2012, tendo sido, atendendo à posterior aprovação da Lei do Cinema e respetivos regulamentos, reaberto em 2013, sendo necessário dotá-lo de uma maior estabilidade e previsibilidade, para permitir que as estruturas programadoras se libertem de uma permanente precaridade; a renovação desse programa ou outro de características similares, é um instrumento crucial para o equilíbrio financeiro do *Cineclube de Joane*, uma vez que permite promover de forma adequada as cinematografias produzidas na União Europeia e nos países Ibero-americanos, e de uma forma particular os filmes produzidos em Portugal.

A Direcção do *Cineclube de Joane* elaborou uma lista de filmes a exhibir, no início de 2016, no âmbito desta REA, designadamente:

- ❑ **SONO DE INVERNO** de *Nuri Bilge Ceylan* (ver foto);
- ❑ **CANÇÕES DO NORTE** de *Soon-Mi Yoo*;
- ❑ **NA CAVE** de *Ulrich Seidl*;
- ❑ **TAKLUB** de *Brillante Ma. Mendoza*;
- ❑ **LEVIATÃ** de *Andrey Zvyagintsev*;
- ❑ **DHEEPAN** de *Jacques Audiard*.



02.04 – Já Não Há Cinéfilos?! ⁽¹⁾ _ WILDER / ROUCH / SIRK / ANTONIONI / TARKOVSKI

Esta rubrica pretende traduzir-se num complemento às sessões semanais, empreendendo um percurso pela história do Cinema, homenageando os seus maiores autores, os iconoclastas.

O título da rubrica – *Já Não Há Cinéfilos?! –* representa um desafio aos nossos associados e demais frequentadores das sessões promovidas pelo *Cineclube de Joane*. Vivemos tempos em que o imediatismo impera e a memória parece sucumbir e deixar de ter a relevância que, na nossa opinião, deveria ter.

Ao longo destes 17 anos de existência, o *Cineclube de Joane* tem programado, em película ou em versões digitais restauradas, todas as reposições relevantes, das quais podemos destacar algumas: **O Grande Ditador** de Chaplin; **Sentimento** de Visconti; **India Song** de Marguerite Duras; **Aurora** de Murnau; **Amarcord** de Fellini; **Casamento Escandaloso** de Cukor; **A Sede do Mal** de Welles; **Uma Mulher Sob Influência** de Cassavetes; **Vertigo** de Hitchcock; **O Acochado** de Godard; **Deus Sabe Quanto Amei** de Minnelli; **Playtime** de Tati; **Imitação da Vida** de Sirk.

Nas sessões referidas acima, e outras da mesma índole, duplicamos a promoção, arrastamos os nossos amigos, familiares, conhecidos e desconhecidos (!), por entendermos que são obras de visionamento fundamental e por serem filmes, que do ponto de vista do programador, se traduzem num gozo especial. Esta rubrica, que aqui apresentamos, permitirá compensar a escassez de reposições que, no nosso período de existência, vimos sentindo. Será possível, com recurso a projecções de vídeo (com entrada livre) e com uma qualidade de imagem e som inquestionável, encontrar todos os autores incontornáveis, conhecer os géneros (melodrama, policial, musical, western...), desde o cinema americano clássico, passando pelo cinema de cariz mais independente e pessoal e, claro, pelos grandes autores, e movimentos, do cinema europeu e asiático. Nestas sessões, por forma a reforçar a componente formativa, um dos objectivos pretendidos com a rubrica, serão distribuídos textos de apoio sobre a obra do realizador.

A programação desta rubrica integrará em 2016 os seguintes realizadores:

- ❑ **Billy WILDER: O Disfarce** (ver 02.01.02);
- ❑ **Jean Rouch: Os Mestres Loucos + Eu, Um Negro** (ver 02.01.04);
- ❑ **Douglas SIRK _ Imitação da Vida** (em preparação);
- ❑ **Michelangelo ANTONIONI _ Vida Moderna** (em preparação, ver foto);
- ❑ **Andrei TARKOVSKI _ Tempo de Viagem** (em preparação).



A Direcção do Cineclube de Joane, desafia todos os seus associados, e demais frequentadores das nossas sessões, a rebater o título desta rubrica por forma a afirmar que sim, ainda há interessados em (re)descobrir os autores, aqueles que fizeram a diferença e que nos obrigam a amar o Cinema.

(1) O cinéfilo por Eduardo Prado Coelho [De O Fim da Cinefilia, in Crónicas no Fio do Horizonte]

“Quem eram os *cinéfilos*? Segundo um dos maiores críticos da história do cinema, Serge Daney, eram gente que gostava de se apresentar do seguinte modo: nós somos filhos do cinema (ciné-fils). Isto é, nós vemos o mundo através do modo como o cinema vê o mundo, porque essa é a melhor forma de tremer face ao medo, de olhar uma árvore ao fim do dia, de cantar numa praia nocturna a sonhar com o tesouro dos piratas ou de tocar os cabelos de uma mulher. E por isso consideramos os filmes não apenas como arte, e elementos centrais de uma história da cultura dos homens, mas também como objectos íntimos, segredos que se passam de mão em mão, rebuçados, fetiches, berlines, abóbadas de cristal onde a neve cai silenciosamente.”

02.05 – AUTOR AUTOR

02.05.01 – Krzysztof Kieslowski – Trilogia das Cores _AZUL, BRANCO e VERMELHO + A Dupla Vida de Véronique

Veronika e Véronique

João Lopes, *Diário de Notícias* de 17 de Novembro de 2007

O reconhecimento da obra do cineasta polaco Krzysztof Kieslowski passa por dois momentos fundamentais: em 1989-90, na sua Polónia natal, dirigiu a série ***Decálogo***, uma reflexão perturbante (inspirada no texto dos Dez Mandamentos) sobre as relações entre os seres humanos e o transcendente, e também um marco na história moderna da televisão; depois, em 1993-94, já com produção francesa, assinou a célebre trilogia das cores (***Azul, Branco, Vermelho***), reflexão multifacetada sobre os enigmáticos cruzamentos da vida material e do reino do espiritual (Kieslowski viria a falecer em 1996, com apenas 54 anos de idade).

Entre uma coisa e outra situa-se este filme, a todos os títulos admirável, que é ***A Dupla Vida de Véronique***. Lançado em 1991, corresponde, aliás, a uma espécie de ritual de passagem entre a Polónia e a França, quanto mais não seja porque se trata de uma coprodução entre os dois países. Mais do que isso, esta é uma história literalmente dividida entre dois países, duas personagens e, por assim dizer, duas formas de assombramento.

Para a actriz francesa Irène Jacob, este foi um momento vital de afirmação do seu imenso talento (vimo-la recentemente em ***A Vida Interior de Martin Frost***, de Paul Auster). Então com 25 anos, ela interpreta aqui duas personagens: a polaca Veronika, estudante de música, e a francesa Véronique, que ambiciona ser cantora. Por um lado, desconhecem-se em absoluto; por outro lado, as convulsões da vida de uma parecem ecoar na existência da outra, como se não fossem mais do que duas identidades ligadas por um segredo impossível de revelar... No fundo, Kieslowski filma esse sentimento, ao mesmo tempo sensual e inquietante, de não estarmos completamente no lugar em que estamos, de nos completarmos apenas noutra dimensão, através de algo ou alguém que desconhecemos.



02.05.02 – Wang Bing: TRÊS IRMÃS + A FOSSA

A humanidade a sobreviver no inumano *Encontro com Wang Bing, o realizador de Three Sisters. Um épico: gente obrigada a transcender-se. Câmara Escura, 25 de Outubro de 2012*

“Não vai acontecer. Não me interessa.” A pergunta era se Wang Bing alguma vez realizará um filme sobre a classe média chinesa, se alguma vez se interessará pela paisagem urbana, pelas cidades... A resposta era previsível, mas continuou a ser forte a intensidade penetrante do olhar do cineasta. Sobretudo, o silêncio que se agarrava às palavras. Estava a responder sobre um pacto inquebrável. É que antes, Wang Bing, num breve encontro no Festival de Cinema de Veneza onde o seu último filme, **Three Sisters**, fez figura de obra maior, falara de algo de irreconciliável: as duas Chinas que se ignoram, a urbana e a rural, o facto de “a maior parte dos chineses não quererem ver... sobre o que se passa fora das cidades. Gostam de ver pessoas ricas, pessoas felizes. Não querem sentir a miséria que se sente quando se vê pessoas em certas condições.” Condições como aquelas em que vivem as irmãs de **Three Sisters**, numa aldeia do sul, Yunan, zona montanhosa onde, por causa da altitude, não é possível cultivar cereais, onde as batatas servem de comida a homens e a porcos.

Three Sisters também é um filme sobre a forma como Ying, 10 anos, Zhen, 6 anos, e Fen, 4, deixadas sozinhas, porque a mãe abandonou a família e o pai está em trânsito permanente pelas cidades à procura de trabalho, se distinguem dos animais. O mundo rural enterrado vivo pelas promessas do *boom* económico. Há qualquer coisa de exangue na experiência dos filmes de Wang Bing que resulta do caminho que tem percorrido desde 2003, o ano de **Tie Xi Qu: West of the Tracks** - estas nove horas sobre o declínio, causado pelo pragmatismo económico, de um complexo industrial de Shenyang que constituía uma das bandeiras do socialismo chinês, foram, na verdade, filmadas entre 1999 e 2001.

Vivendo em Shenyang, e depois de ter estudado fotografia na Academia de Cinema de Pequim, o próprio Wang Bing decidiu iniciar a sua independência profissional, à margem do sistema, registando com uma câmara digital a vida dos trabalhadores desse bairro industrial com os dias contados. A partir daí tem progredido com uma determinação, custe o que custar, de permanecer fiel às pessoas que filma, à sua própria origem camponesa. Isso tem-no levado em direcção à escuridão mais profunda. Deixando em cada rodagem um pedaço da sua vida, da sua energia, porque não pode ser inconsequente — para o realizador, mas, finalmente, não pode ser inconsequente para o espectador — o levantamento e exposição de algo que vive enterrado.

Isso atribui ao cinema de Wang Bing uma dimensão espectral — a mesma, por exemplo, que alimenta o cinema de Pedro Costa com a revelação de uma história portuguesa funesta. Essa dimensão era alucinante no filme anterior do cineasta chinês, aquele em que “desenterrar o passado” era qualquer coisa de literal: **The Ditch/A Fossa**, ficção de 2010 sobre os campos de trabalhos forçados da China maoísta, anos 1960, destinados aos “direitistas”, que contava a história de uma mulher que procurava no deserto de Gobi a vala onde o cadáver do marido fora enterrado. Wang entrevistou sobreviventes desses campos como documentação e os episódios que narra tinham já sido evocados, num documentário de 2007, por uma octogenária, Feng-ming, que abraçou a revolução e depois enfrentou processos de deportação (**Feng-ming, Crónica de uma Mulher Chinesa**). Em **The Ditch**, Wang Bing expõe os espectros à luz, figuras em que o humano já só se manifesta de forma intermitente porque os corpos não aguentam a memória da humanidade que habitou neles — o filme só este ano começou a circular internacionalmente, mas estando comprado para Portugal (Midas), é uma experiência para já vedada porque a distribuidora não encontra sala(s) interessada(s) nela.

Mais eis **Three Sisters**. Um épico. Não pela duração, 153 minutos, antes pela forma como Wang Bing filma a história íntima como epopeia: gente obrigada a transcender-se, a humanidade a sobreviver no inumano — as ligações com o cinema de Pedro Costa, mais uma vez, são aqui tácteis. Sobre a aldeia de Xi Yang Tang, abandonada por jovens adultos que partiram para a cidade, deixada aos velhos e às crianças, aparece uma vaga informação no final, antes do genérico. O que é o oposto do que se faz habitualmente em documentários “sobre...”, quando se trata de aparar a posição do espectador. Wang Bing propõe, em vez, a experiência pura de uma condição, aquilo que é universal, antes de sabermos o que a explica ou rodeia especificamente (o que quer dizer que esta China fala sobre todos nós). E é a forma, também, de só assim aquelas personagens poderem ter direito à sua humanidade.

Wang Bing conta que conheceu esta família — ou o que resta desta família — quando visitava na área os familiares de um amigo que tinha morrido. Foi na Primavera de 2009. Encontrou Ying, Zhen e Fen. “Comecei a falar com elas, aceitaram-me na sua casa, nas suas vidas. Ainda hoje estamos em contacto. Aceitaram-me na sua família e aceitaram que eu as filmasse” — entre Outubro de 2010 e Março de 2011, 180 horas de material, resultado de três incursões. “Sem programa” algum, diz. “Eles viviam a vida deles e eu estava com eles. Não quero dizer às pessoas o que elas têm para dizer. Elas faziam o que queriam. Eu filmava, elas viviam.”



02.05.03 – **Edgar REITZ** – Heimat - Crónica de uma Nostalgia (parte 1 + parte 2)

Uma Alemanha a preto e branco

João Lopes, Cinemax

Edgar Reitz prossegue o seu monumental e fascinante projecto de revisitação da história da Alemanha: em "Heimat - Crónica de uma Nostalgia", segue os passos de uma família rural, em meados do séc. XIX. É uma pena, de facto: a produção cinematográfica alemã — até pelas muitas ligações que mantém com outros países europeus — é uma das grandes forças do cinema europeu, mas continua a ter uma presença discreta no mercado português. Quanto mais não seja por isso, a estreia do filme de Edgar Reitz, "Heimat - Crónica de uma Nostalgia" (primeira parte, 2 Outubro; segunda parte, 9 Outubro), constitui um especialíssimo acontecimento.



Reitz nasceu em 1932, o que quer dizer que pertence a uma geração — anterior à de cineastas como Rainer Werner Fassbinder (1945-1982) ou Wim Wenders (n. 1945) — cujo património de memórias é inseparável da vivência directa da Segunda Guerra Mundial. Assim, ele é autor da monumental série televisiva "Heimat" que, desde 1984, num conjunto de 32 episódios, totalizando cerca de 53 horas, traçou a saga de uma família alemã através das convulsões do séc. XX.

"Heimat - Crónica de uma Nostalgia" é um prolongamento desse projecto, propondo um significativo recuo temporal — trata-se de visitar a família Simon, mas agora em meados do séc. XIX, numa ambiente rural em que as condições de pobreza levam muitos habitantes a procurar melhores condições de vida, algures em lugares da América do Sul. Motor dessa vontade é a personagem de Jakob (Jan Dieter Schneider), um jovem que, através das suas leituras, imagina a possibilidade de encontrar um "paraíso perdido"...

Filmado em belíssimas imagens a preto e branco, "Heimat - Crónica de uma Nostalgia" apresenta, de vez em quando, breves momentos a cores, como se o seu realismo austero fosse contaminado pelos desejos mais secretos de quem vive (ou filma) os acontecimentos. Estamos, de novo, perante um objecto eminentemente cinematográfico, mas que aceita uma lógica de organização com claras componentes televisivas — a provar que as relações cinema/televisão não têm de existir submetidas aos formatos mais rotineiros e repetitivos.

02.06 – EXTENSÕES DE FESTIVAIS DE CINEMA

02.06.01 - CINANIMA – Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho

Em Fevereiro de 2013 exibimos uma extensão do CINANIMA, prosseguindo com a parceria que vimos erguendo há vários anos com este incontornável festival dedicado à animação. No primeiro trimestre de 2016 exibiremos uma extensão composta pelos filmes premiados na 39.^a edição do CINANIMA – Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho, para escalões etários distintos. Em Novembro de 2016, realizar-se-á a 40.^a edição do CINANIMA, tendo o *Cineclube de Joane* prevista nova extensão para Dezembro de 2016 ou Janeiro de 2017.

82 filmes a concurso para a 39.^a edição do CINANIMA

Cinanima.pt

Terminados os trabalhos do Júri de Seleção do CINANIMA – Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho – é agora o momento de revelar um pouco do muito que poderá ver em novembro próximo.

Nesta 39.^a Edição o Festival pode contar, mais uma vez, com conhecidos nomes do mundo da animação, que tiveram a árdua tarefa de deliberar quais os filmes que passaram à fase competitiva, fazendo-o graciosamente, pela amizade e prestígio que reconhecem num Festival com a dimensão do CINANIMA. Integraram então o Júri de Seleção Catarina Sobral (Portugal), Manuel Matos Barbosa (Portugal), Osvaldo Medina (Portugal) e Vítor Lopes (Portugal), que durante três dias visionaram quase 27 horas de filmes. Vítor Lopes e Manuel Matos Barbosa tiveram também uma inestimável ajuda de Ricardo Blanco na avaliação de quase 1300 inscrições. José Rodrigues, Paulo Fernandes e Tiago Almeida do Serviço Educativo do Festival estiveram encarregues da seleção dos filmes a exhibir nos programas As Escolas Vêm ao CINANIMA.

Na Competição Internacional estarão a concurso 53 curtas-metragens e 5 longas-metragens, perfazendo assim um total de 58 filmes a concurso. A Competição Nacional será representada por 24 filmes, dos quais 10 são candidatos ao Prémio António Gaio e 14 ao Prémio Jovem Cineasta Português. Feitas as contas, 82 é o número total de filmes a concurso na 39.^a Edição do CINANIMA, que terá lugar de 09 a 15 de Novembro, em Espinho.



02.06.02 - **INDIELISBOA** – Festival Internacional de Cinema Independente de Lisboa

Entre 24 de Setembro e 2 de Outubro de 2004 decorreu, no Cinema S. Jorge, a primeira edição do INDIELISBOA. A Direcção do *Cineclube de Joane* acompanhou essa primeira semana de festival, pois pensamos tratar-se de um certame com potencialidades, e que teve desde logo uma excelente programação assente no cinema designado independente. Ficou demonstrado que a designação não torna o festival redutor, permitindo uma extrapolação para vários géneros (documentário, ficção), formatos (curtas e longas-metragens) e proveniências (E.U.A., vários países da Ásia, América do Sul e Europa).

Os filmes seleccionados foram enquadrados em três secções distintas, designadamente:

- ❑ **Competição** – A Competição Oficial é composta por longas e curtas-metragens, primeiras e segundas obras, nunca antes apresentadas em Portugal;
- ❑ **Observatório** – No Observatório são apresentados filmes que, não podendo integrar a competição oficial, são obras essenciais no panorama do cinema independente contemporâneo;
- ❑ **Herói independente** – Homenagem a um festival independente de referência ou a uma filmografia (de um determinado país, por exemplo).

O INDIELISBOA é um local privilegiado para a descoberta de novos autores e tendências do cinema mundial. O Festival dá especial atenção a obras e cinematografias com menor visibilidade no mercado de distribuição comercial português e integra uma competição de longas e curtas metragens de novos realizadores.

Mantendo o seu foco na criatividade e independência dos autores, em cinco anos o INDIELISBOA tornou-se num dos mais importantes festivais de cinema em Portugal. Segundo dados objectivos, homologados pelo ICA, o IndieLisboa é já o maior festival nacional, não só em número de espectadores (35.500), mas também no número de ecrãs utilizados (9), no número de sessões realizadas (265) e no número de filmes apresentados (226)

Pelas razões expostas, o *Cineclube de Joane* tem realizado extensões de todas as edições do INDIELISBOA, permitindo a programação em Famalicão de obras que de outra forma ficariam apartadas do público. Em Maio de 2015, concretizamos mais uma extensão do *Indie Lisboa* com apresentação da obra vencedora da Competição Nacional - OS OLHOS DE ANDRÉ de António Borges Correia. (ver 01.05, p.19)

A Direcção do *Cineclube de Joane* espera concretizar a extensão da edição n.º 13 do INDIE LISBOA, pois parece-nos que permitirá, aos nossos associados e demais espectadores, assistir a algumas das mais interessantes obras do cinema contemporâneo, tal como foi possível verificar na extensões realizadas nos últimos anos.



02.06.03 - DOCLISBOA – Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa

O *DocLisboa* é o único festival de cinema em Portugal exclusivamente dedicado ao documentário. Em 2015, na sua 13.ª edição, o *Doclisboa* apostou na capitalização do renovado interesse dos espectadores portugueses pelo documentário e conseguiu trazer às salas da *Culturgest*, da *Cinemateca Portuguesa* e do *Cinema São Jorge*, um público muito numeroso e entusiasta.

O documentário “foi assunto” e criou-se uma nova consciência da sua enorme riqueza, diversidade e potencialidades. O Doclisboa apostou também na descoberta de novos territórios, na grande diversidade, e na vitalidade do cinema do real.

Em 2015 o festival manteve os principais objectivos das edições anteriores:

- ❑ Mostrar ao público português filmes importantes multi-premiados internacionalmente que ainda não chegaram às salas de Lisboa;
- ❑ Permitir uma reflexão mais aprofundada sobre temas contemporâneos e de actualidade;
- ❑ Dar a conhecer de forma mais sistemática a cinematografia de outros países;
- ❑ Organizar debates que mobilizem o público em torno de filmes importantes e de temas transversais, presentes em várias obras.



O *Doclisboa* 2015 trouxe novamente a Lisboa, em primeira-mão, o melhor da produção nacional e internacional de documentário: foram onze dias de projecções em regime intensivo, ainda com mais filmes, mais secções e mais actividades complementares do que nas anteriores edições.

Em Outubro, o Doclisboa foi, mais uma vez, um ponto de encontro privilegiado do público com realizadores e outros profissionais nacionais e estrangeiros do documentário (produtores, distribuidores, programadores, críticos...) e um fórum aberto de reflexão e discussão sobre o estado do mundo e a situação do cinema documental contemporâneo.

Após a concretização das extensões realizadas em 2007 e 2008, a Direcção do Cineclube de Joane, proporá à Direcção do DOCLISBOA a realização de mais uma extensão do referido festival, de relevância incontestável, que regressa em Outubro de 2016.

O documentário esteve sempre presente nas prioridades da nossa programação e fará todo o sentido manter uma colaboração estreita com o DOCLISBOA que conseguiu, de forma indiscutível, um sucesso de programação e de público.

02.07 - O Dia Mais Curto

O DIA MAIS CURTO (OMDC)

A grande festa da curta-metragem está de volta! Depois do sucesso da estreia em Portugal em 2013, já estão em andamento os preparativos para mais uma edição d' **O DIA MAIS CURTO**, a grande festa da curta-metragem!

A iniciativa culmina a 21 de Dezembro, o dia mais curto do ano em pleno solstício de inverno. Este fenómeno astronómico inspirou a ideia de promover curtas-metragens para uma audiência local, incentivando sessões públicas em diversos espaços. Quer seja *online*, em cinemas ou em diferentes locais públicos ou comunitários, a apresentação de curtas-metragens durante este curto mas intenso dia proporciona ao público a oportunidade de descobrir um grande número de cineastas e as suas obras. Neste dia, em que a criatividade se baseia na riqueza dos filmes e na imaginação dos organizadores, oferece-se diversidade e colocam-se em prática iniciativas inovadoras para promover o cinema em formato curto, de forma a incentivar novos criadores e práticas profissionais, aumentando os admiradores do formato e o acesso à cultura.

O Dia Mais Curto nasceu em França em 2011 e, todos os anos, é celebrado em simultâneo por vários países de todo o mundo.

Em Portugal, esta iniciativa será novamente desenvolvida pela *Agência da Curta Metragem* que assume um papel de extrema importância na projeção internacional das curtas-metragens portuguesas através da sua ação de promoção quer junto de festivais e eventos de natureza similar quer através da organização de iniciativas e programas especiais retrospectivos.

O *Cineclube de Joane* integrou a rede de estruturas participantes na edição de *O Dia Mais Curto* de 2014, com a exibição de uma sessão na tarde de 21 de Dezembro (com entrada livre), incluída na rubrica *Curtinhas* - Filmes para toda a família, para os mais novos! Uma seleção da secção *Curtinhas* do *Curtas Vila do Conde*, num conjunto de filmes para todas as idades, com um papel fundamental na educação pela imagem e claro está, para a diversão!



02.08 - FESTA DA ANIMAÇÃO

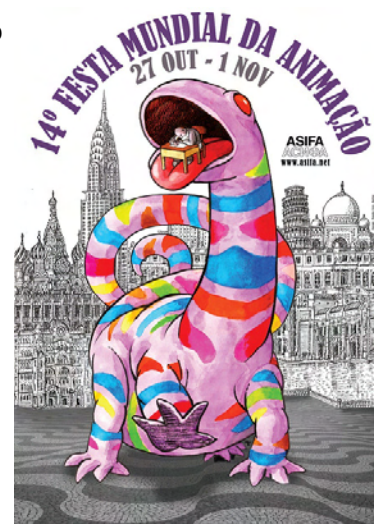
A FESTA DA ANIMAÇÃO é um evento único no mundo. Por ocasião do DIA MUNDIAL DA ANIMAÇÃO, a 28 de Outubro, programadores e instituições de todo o mundo associam-se à efeméride para celebrar o cinema de animação. E a iniciativa replica-se por várias cidades em mais de 40 países do mundo.

A CASA DA ANIMAÇÃO (CdA), atualmente responsável pela curadoria internacional deste grande evento, promove a Festa da Animação em Portugal, em parceria com agentes culturais de várias cidades do país.

Entre 27 de Outubro e 01 de Novembro de 2015, celebra-se a 14ª edição da Festa da Animação, e a 3ª edição em Portugal no seu novo formato: que inclui a atribuição do PRÉMIO NACIONAL DA ANIMAÇÃO e a eleição de uma cidade para CAPITAL DA ANIMAÇÃO.

A CdA disponibiliza um programa com diferentes sessões de animação, procurando dar a conhecer o que melhor se faz na Animação Portuguesa e no panorama internacional.

O impacto da Festa depende diretamente do envolvimento dos agentes culturais, programadores, municípios, museus, cineclubes, festivais e escolas, que se envolvem na sua organização, dando a descobrir a diversidade e magia da animação a uma comunidade vasta e heterogénea, que não se esgota no público infantil e juvenil.



O *Cineclube de Joane*, em parceria com a *Casa das Artes de Famalicão*, associou-se à *Festa da Animação* de 2015, com a apresentação de uma sessão dupla: um *Panorama Infantil* e os nomeados para o *Cartoon d' Or*, prémio europeu mais relevante no género da animação (ver retrospectiva 01.08).

Em 2016 esperamos renovar esta parceria com a Casa da Animação.

02.09 – *Masterclasses*, Debates: o Cinema Português em destaque!

O Cinema ao serviço de algo, ou vice versa. O *Cineclube de Joane* pretende ir mais além da mera projecção de filmes. Recuperar o gosto de discutir um filme. A ideia, que não é inédita, se arriscada, considerando as reservas do público para a discussão, é aliciante. Pretende-se escolher um filme que, pela sua temática, possa suscitar uma discussão entre o público: política, justiça, direitos humanos, racismo, ambiente.

Temos promovido, ao longo destes últimos anos, vários debates, e também em 2015 como se pode consultar na retrospectiva (01.01.02, 01.01.03 e 03.01), e sempre que a obra programada suscite assunto que promova a discussão e a troca de ideias, promoveremos debates após a realização das sessões.

Sempre que possível, continuaremos a convidar realizadores e outras personalidades ligadas à produção cinematográfica, para debates em torno dos seus filmes.

Como forma de aprofundar a relação com o Cinema Português e os seus autores prosseguiremos a realização de *masterclasses*, depois das que concretizamos com PEDRO SENA NUNES e JOÃO CANIJO em 2009, com MANUEL MOZOS em 2010, com MARCELO FÉLIX e JOAQUIM SAPINHO em 2013, com PAULO LIMA e JOÃO BOTELHO em 2014 e com ISABEL RUTH em 2015 (ver 01.01.03). Trata-se de uma forma de promover o nosso Cinema, de fomentar uma maior afinidade entre os espectadores e os realizadores dos filmes. Esta iniciativa tem como alvo os nossos associados que tenham interesse em determinada vertente, mas também, e em número relevante, estudantes das Escolas de Cinema e Vídeo, além de outras pessoas ligadas às diferentes componentes técnicas relativas à produção e exibição de filmes.

Paralelamente, numa rubrica denominada *Os Cineastas Também Programam*, proporemos aos realizadores convidados a escolha de uma ou mais obras que terão influenciado a sua filmografia e o filme concreto que estarão a apresentar.

Para 2016 temos previsto a programação de um conjunto de obras portuguesas que poderão resultar em relações mais efectivas com a obra programada, das formas designadas no parágrafo anterior, nomeadamente:

- *Montanha* de João Salaviza (na foto), incluindo a reposição das suas curtas anteriores;
- *Portugal, Um Dia de Cada Vez* de João Canijo;
- *Yvone Kane* de Margarida Cardoso;
- *João Bénard da Costa: Outros Amarelos* de Manoel Mozos;
- *Volta à Terra* de João Pedro Plácido;
- *A Vingança de Uma Mulher* de Rita Azevedo Gomes.



02.10 – Cinema para as Escolas

É inquestionável o elevado potencial que o cinema possui enquanto veículo transmissor de conhecimento, valores, emoções, etc., daí que faça cada vez mais sentido aproximar o cinema dos alunos em fase de formação, permitindo-lhes avistar novos horizontes, desmontar as linguagens do cinema e serem mais críticos e selectivos quanto aos produtos que lhes são oferecidos.

A edição de 2007 do “*Cinema para as Escolas*” foi ligeiramente diferente das duas primeiras edições, realizadas, respectivamente, na *Didáxis de Vale S. Cosme* e na *Secundária Bernardino Machado em Joane*. A iniciativa foi concretizada em parceria com a *Escola Secundária Camilo Castelo Branco*, tendo os alunos que frequentavam o 12.º ano desta escola oportunidade de assistir, no Grande Auditório da *Casa das Artes de V. N. Famalicão*, à exibição do filme “*Convicções*”, de Julie Frères – filme retirado da extensão do *DocLisboa*, promovida pelo *Cineclube de Joane*. O filme retrata os meses que antecederam a votação para o referendo sobre a interrupção voluntária da gravidez, partindo do quotidiano de quatro mulheres de convicções totalmente opostas, seguindo de perto a campanha do referendo, nos bastidores, na rua e nos media. No final do filme houve um debate em que os alunos puderam manifestar as suas opiniões e esclarecer as suas dúvidas. O debate pretendeu alcançar questões levantadas pela opinião dos alunos relativamente à democracia representativa, dado que os alunos se encontravam muito próximos de exercer, pela primeira vez, o direito de votar. Durante o ano de 2009, o Cinema para as Escolas desenvolveu-se nos mesmos moldes com sessões para os alunos da disciplina de História da *Didáxis de Riba d’Ave* e para Secção Europeia de Francês da *Secundária Benjamim Salgado de Joane*.

O Cineclube de Joane envolveu-se em dois projectos relevantes, na relação com as Escolas, em 2010, tendo realizado cerca de 20 sessões neste âmbito e para vários escalões etários: desde o 1.º ciclo até ao Ensino Secundário. Estas sessões só foram possíveis com interações muito interessante e frutíferas com várias entidades: *Escola Secundária Camilo Castelo Branco* e com o projecto *Mais Vale Prevenir* (Escola Nuno Simões, Calendário + Escola Júlio Brandão, Famalicão).

Em Junho de 2012, foi publicada uma diretiva formulada como *Plano Nacional de Cinema*, integrada na revisão da *Lei do Cinema*, e que visava promover a literacia cinematográfica, aliada às recomendações do *Conselho Nacional da Educação* na utilização pedagógica dos meios audiovisuais. Procuraremos em articulação com as entidades públicas (designadamente, a Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, D.R.E.N. e a Secretaria de Estado da Cultura) formular um programa aplicado à escala concelhia, relevando a importância conferida pelo município de Famalicão à educação, com uma ligação estreita aos Agrupamentos de Escola, constituindo os professores como parceiros e protagonistas do projeto, pretendendo-se constituir propostas que, por um lado empreguem o Cinema como material didático (com ligação a disciplinas específicas) e, de modo complementar, lancem as primeiras sementes na descodificação da linguagem das imagens em movimento por parte dos alunos, deixando-lhes propostas que permitam o conhecimento da história do Cinema, do seu notório legado sociocultural, edificando uma antecâmara para se tornarem espectadores exigentes e formados. Esta proposta procurará privilegiar as sessões em meio escolar, procurando uma relação evolutiva dos alunos na capacidade de interpretação das obras apresentadas e facultando elementos que enriqueçam a leitura dos filmes, contrariando a proliferação desregrada das imagens, e a sua consequente banalização, promovidas em especial pelos *media* e que encontram no público escolar um alvo preferencial. Um programa que tem a ambição de alcançar o público escolar do meio urbano, mas também de todas as realidades de um concelho vasto, atribuindo uma atenção particular aos estabelecimentos escolares com formação voltada para os audiovisuais.

02.11 – Cinema Paraíso

Chega o Verão, o tempo aquece e convida a uma sessão de cinema ao ar livre. Em Julho e Agosto de 2015, o *Cineclube de Joane* realizou, em parceria com a *Casa das Artes de Famalicão*, a 16.ª edição do *Cinema Paraíso*, preenchido com os melhores filmes do ano e voltados para o grande público, com sessões no **Parque da Devesa** em Famalicão (pelo terceiro ano consecutivo, com uma afluência de público notável nas seis sessões realizadas, ver fotos abaixo), e nas freguesias de Bairro, Nine e Riba d' Ave, sempre sem qualquer dispêndio financeiro para os assistentes. A adesão em 2015 foi mais uma vez notória, e o *Cinema Paraíso* assumiu-se definitivamente como uma verdadeira atracção no Verão dos famalicenses.



As três últimas edições contaram como principal parceiro a *Casa das Artes de Famalicão*, associada à *Câmara Municipal de Famalicão* e ao *Instituto do Cinema e do Audiovisual*.

Pretendemos em 2016 prosseguir com o *Cinema Paraíso* no Parque da Devesa, que se revelou um óptimo local para a realização, com indiscutível sucesso, desta iniciativa. **Também se pretende prosseguir com a itinerância pelo concelho de Famalicão** (presente em mais de 25 freguesias e empreendimentos habitacionais ao longo das anteriores edições).

Deverão ser realizadas entre 9 e 12 sessões, distribuídas pelos meses de Julho e Agosto. Continuado com a ideia de conciliar as sessões do centro da cidade com o périplo pelo concelho, em cada edição do *Cinema Paraíso*, este ano pretendemos visitar algumas das freguesias que ainda não foram abrangidas pela iniciativa.

Esperamos conseguir, em 2016, divulgar massivamente a iniciativa, por forma a chegar ao maior número possível de famalicenses (e outros) por forma a concretizar a máxima que preside a esta iniciativa: levar o Cinema às populações.

02.12 – O Homem da Câmara de Filmar

O *Cineclube de Joane* tem vindo a desempenhar, desde o início da sua existência, um esforço no âmbito da criação cinematográfica de autor, repousando grande parte da sua programação numa esfera de divulgação e acompanhamento do trabalho de gentes do cinema.

O Homem da Câmara de Filmar, belíssimo e marcante filme de Dziga Vertov, emprestar-nos-á o seu título para encabeçar um projecto de divulgação de filmes que caracterizem, da forma mais fidedigna e interessante possível, a vida e obra de alguns dos artistas mais determinantes da História do Cinema.

Longe de ser uma mera divulgação dos “magnum opus” de certos realizadores, “O Homem da Câmara de Filmar” pretende atingir algo mais: traçar perfis característicos em obras do (e sobre o) artista e cruzá-las com alguns dos seus trabalhos; buscar, através do filme documental, a personalidade por detrás do artista e suportá-la com base no seu trabalho; pegar em obras actuais e tentar justificá-las à luz daquele ou daqueles que a terão inspirado, inclusive obras anteriores de artistas distintos.

Embora a atenção mais devida e mais sonante seja dada aos realizadores enquanto principais obreiros da criação cinematográfica (algo a que o título da rubrica faz jus), também é verdade que outras personalidades com diferentes papéis carecem de especial atenção em matéria de inspiração. É por isso que a Câmara de Filmar de que falamos não é aquele suporte físico que comanda a rotação, mas antes o olhar virtual que existe antes de se materializar.

Nesta primeira edição, contamos começar com um documentário sobre Roman Polanski intitulado **Polanski: Wanted and Desired**, permitindo o debruçar sobre a vida e obra do famoso realizador, e da forma como ambas facilmente se influenciam e determinam mutuamente.

Será, a nosso ver, um começo fulgurante!

Em registos paralelos, outros trabalhos são potenciais apostas já nesta primeira edição de 2016: **Caçador Branco**,

Coração Negro (*White Hunter, Black Heart*) com Clint Eastwood a realizar e a interpretar uma referência a John Huston e a uma das suas maiores obras, *The African Queen*; num registo próximo, **Directed by John Ford**, a visão de Peter Bogdanovich sobre [aquele que achamos ser] o maior autor clássico americano; e, **Dangerous Game**, obra reflexiva de Abel Ferrara próxima de *8 ½ de Fellini*, em que o cineasta italo-americano coloca Harvey Keitel, o protagonista de *Bad Lieutenant*, como sua projecção, num indiscernimento entre ficção e realidade, cenário e rua.

“O Homem da Câmara de Filmar” será uma rubrica estreante e inicialmente experimental, não se abstendo ainda assim de se debruçar sobre o carácter artístico que certamente marca a criação autoral que tanto primamos em preservar e divulgar.



02.13 – Página na INTERNET

Desde 2003 que o *Cineclube de Joane* beneficia de uma página *online* onde figuram todas as informações relativas à sua actividade e que poderão ser do interesse dos associados presentes, dos potenciais futuros membros e de demais espectadores. Esta possibilidade de consulta *online* dos projectos e intenções do *Cineclube de Joane* reveste-se de ainda maior importância se for tida em conta a disponibilização da informação em tempo real e a periódica actualização dos conteúdos do *website*.

À semelhança do página, o *Cineclube de Joane* também disponibiliza um endereço de correio electrónico, que usa para comunicação com os associados e com as entidades directamente ligadas à programação: correio@cineclubejoane.org

O *website*, alojado em www.cineclubejoane.org, tem como página inicial um destaque das notícias mais recentes do Cineclube, a par das devidas actualizações que eventualmente poderão constituir matéria relevante. Provido de um *interface* funcional e apelativo, o *website* é simultaneamente bastante intuitivo, estando a sua estrutura baseada em categorias claramente identificadas, nomeadamente:

- ❑ **Programação** – Uma barra lateral constantemente visível em toda a navegação do site para que a consulta dos elementos dos filmes a exhibir no mês corrente seja de consulta fácil e rápida;
- ❑ **Quem Somos** - Contém uma breve descrição das actividades já desenvolvidas pelo *Cineclube de Joane*, desde a sua fundação até ao presente, com a enunciação de todo o historial relevante;
- ❑ **Contactos** – A informação relativa aos contactos do *Cineclube de Joane*;
- ❑ **Inscrições** - Aqui são apresentadas as condições para as inscrições de futuros associados;
- ❑ **Arquivo** – Um espaço onde se podem consultar as programações dos meses anteriores e uma coluna criada com o intuito de enunciar todos os filmes já exibidos pelo Cineclube, com as sessões devidamente datadas e historicamente organizadas.

Paralelamente, criamos uma página no **facebook**: <https://www.facebook.com/cineclubejoane> – onde se pretende estreitar ainda mais o relacionamento, e a interactividade, entre o *Cineclube de Joane*, os seus associados e demais espectadores das sessões que promovemos, pois sabemos quão importantes são as suas opiniões e pontos de vista no sentido de edificar melhor a estrutura do Cineclube. Esta página, na rede social mais utilizada por estes dias, tem-se traduzido num sucesso palpável e com tradução na participação das sessões por parte dos nossos *amigos*. A página contava, no início de Novembro de 2015, com mais de 1800 amigos.

02.14 – Edição do Boletim Mensal _ Remodelação

Em Fevereiro de 1999, foi editado o primeiro Boletim Mensal do *Cineclube de Joane*, sendo esta publicação enviada aos sócios no início de cada mês.

É mais uma iniciativa que comprova a diferença entre um Cineclube, neste caso o CCJ, e uma sala onde decorrem exhibições comerciais.

Em Setembro de 2003 (coincidindo com 5.º aniversário do *Cineclube de Joane*), editamos um boletim mensal com novo grafismo, assim como novos cartazes e “flyers”. Em 2004 melhoramos a qualidade do boletim mensal, através da impressão numa gráfica (até Dezembro de 2003 tratavam-se de fotocópias).

No decorrer de 2016, pretendemos apresentar o novo Boletim Mensal que verá aumentado o número de páginas (pois o actual revela-se exíguo), para que possa albergar um melhor escalonamento da informação relacionada com as sessões que promovemos, e contará com uma remodelação gráfica da publicação.

Cineclube de Joane / PLANO DE ACTIVIDADES 2016

03 – ORÇAMENTO



02.01.01 **ROSSELLINI**, o **Humanista**

02.01.02 **Billy WILDER** – O **Disfarce**

02.01.03 **TATI** integral no **Verão**

02.01.04 **Jean ROUCH** _ **Eu, Um Negro + Os Mestres Loucos**

02.01.05 **Imagens do Holocausto**

02.02. **Programação Semanal de Cinema de Autor**

02.03. **Rede de Exibição Alternativa** – R.E.A. / I.C.A.

02.04. **Já Não Há Cinéfilos?!**

02.05. **Autor Autor: Krzysztof Kieslowski / Wang Bing / Edgar Reitz**

02.06. **Extensões de Festivais de Cinema**

02.06.01. **CINANIMA** – Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho

02.06.02 **INDIELISBOA** – Festival Internacional de Cinema Independente de Lisboa

02.06.03 **DOCLISBOA** – Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa

02.07. **O Dia Mais Curto**

02.08. **Festa da Animação**

02.09. **Masterclasses, Debates: O CINEMA PORTUGUÊS em Destaque**

02.10. **Cinema para as Escolas**

02.11. **Cinema Paraíso** _ sessões de cinema ao ar livre, uma itinerância por Famalicão

02.12. **O Homem da Câmara de Filmar**

02.13. **Página na Internet**

02.14. **Edição do Boletim Mensal – Remodelação**

ACTIVIDADE	DATA	CUSTO / unidade	CUSTO / total	RECEITA	DIFERENCIAL
02.01 - Destaques - Ciclos	Anual	500,00 €.	1.000,00 €.	400,00 €.	600,00 €.
02.02 - Programação Semanal de Cinema de Autor (inclui Rede de Exibição Alternativa-02.03 e Já Não Há Cinéfilos?! - 02.04 e Autor Autor-02.05)	Anual	190,00 €.	8.360,00 €.	4.850,00 €.	3.510,00 €.
02.06 - Extensões de Festivais de Cinema					
02.06.01 CINANIMA - Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho (39.ª edição)	Fevereiro	100,00 €.	100,00 €.	30,00 €.	70,00 €.
02.06.02 INDIELISBOA - Festival Internacional de Cinema Independente de Lisboa (12.ª edição)	Maio	400,00 €.	400,00 €.	200,00 €.	200,00 €.
02.06.03 DOCLISBOA - Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa (13.ª edição)	Novembro	400,00 €.	400,00 €.	200,00 €.	200,00 €.
02.07 - O Dia Mais Curto (entrada livre)	Dezembro	125,00 €.	125,00 €.	0,00 €.	125,00 €.
02.08 - Festa da Animação (entrada livre)	Outubro	125,00 €.	125,00 €.	0,00 €.	125,00 €.
02.09 - Masterclasses, Debates: o Cinema Português em destaque!	Anual	150,00 €.	300,00 €.	0,00 €.	300,00 €.
02.10 - Cinema para as Escolas	Anual	100,00 €.	200,00 €.	0,00 €.	200,00 €.
02.11 - Cinema Paraíso	Julho / Agosto	1.100,00 €.	11.000,00 €.	0,00 €.	11.000,00 €.
02.12 - Página na INTERNET (alojamento)	Anual		130,00 €.	0,00 €.	130,00 €.
02.13 - Edição do Boletim Mensal	Anual	140,00 €.	1.540,00 €.	0,00 €.	1.540,00 €.
TOTAL			23.680,00 €.	5.680,00 €.	18.000,00 €.

Nota: O diferencial verificado, resultado da subtracção de montantes entre a despesa e a receita, deverá ser absorvido através da celebração de protocolos com entidades públicas, nomeadamente e a exemplo de anos anteriores:

1) **I.C.A. - Instituto do Cinema e do Audiovisual** (Secretaria de Estado da Cultura) - Participação na Rede de Exibição Alternativa

[Em 2015, o ICA atribuiu uma verba de cerca de 5.000 euros ao Cineclube de Joane]

2) **Câmara Municipal de V. N. de Famalicão** - Celebração de protocolo para a realização de Sessões Semanais e do Cinema Paraíso

[Em 2015, a CMVNF atribuiu uma verba de 13.000 euros ao Cineclube de Joane]

Cineclube de Joane / PLANO DE ACTIVIDADES 2016

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS



capa – **Alemanha, Ano Zero** de Roberto Rossellini

Índice – **Sunset Boulevard** de Billy Wilder

retrospectiva – **Um Verão de Amor** de Ingmar Bergman

plano de actividades – **Trafic** de Jacques Tati

orçamento – **Três Irmãos** de Wang Bing

índice de fotografias – **A Dupla Vida de Véronique** de Krzysztof Kieslowski